

MARIANA SOUSA BRACARENSE

**REPRESENTAÇÕES DA IMIGRAÇÃO LIBANESA
EM BELO HORIZONTE**

MONOGRAFIA DE BACHARELADO

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Mariana, 2005

MARIANA SOUSA BRACARENSE

**REPRESENTAÇÕES DA IMIGRAÇÃO LIBANESA
EM BELO HORIZONTE**

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto como parte dos requisitos para a obtenção do grau de bacharel Em História.
Orientador: Prof. Dr. Valdei Lopes de Araújo.

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Mariana, 2005

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Valdei Lopes de Araujo pela paciência e incentivo. Aos entrevistados, que em momento algum fraquejaram diante da minha presença. Ao professor Marco Aurélio Machado de Oliveira, ao Sr. Charles Lofti e a Guilherme Lessa pela ajuda.

Agradeço ao Rômulo pelo apoio. Aos amigos: Caio, Maria Angélica e Maria Clara pela presença constante. A Magdalena pela acolhida e pelos ensinamentos. Ao professor Celso pelo exemplo. Às amigas; Dani, Céia e Isabel pela grata convivência. E à minha mãe, pelo olhar cuidadoso e permanente.

RESUMO

Monografia de Bacharelado em História Social que analisa a inserção do imigrante libanês em Belo Horizonte a partir de depoimentos orais. Partindo das características organizacionais da sociedade libanesa e da necessidade de interação do libanês com o brasileiro, trata do processo de reelaboração da identidade e das representações desse grupo em contato com a sociedade receptora.

ABSTRACT

This Monograph in Social History analyses the Lebanese immigration to Belo Horizonte using oral testimonies taken from the members of this community. It starts from the Lebanese community organizational characteristics and their necessity of interection and conduct the reciprocal influence with the brazilian people. It deals with this group process of elaborating a new identity and representations making contact with the receiving society.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Lista de tabelas..... | V |
| 1.Introdução..... | 6 |
| 2. A imigração libanesa para o Brasil: breve panorama..... | 12 |
| 2.1.Histórico da imigração de libaneses para o Brasil..... | 12 |
| 2.2.Condições e fatores associados ao local de destino..... | 19 |
| 2.3.Imigração para Minas Gerais..... | 21 |
| 2.4.A imigração em Belo Horizonte..... | 23 |
| 3. Representações sobre a vida no Líbano..... | 25 |
| 3. 1. O papel da família..... | 25 |
| 3.2.A mulher..... | 27 |
| 3.3.O lugar da religião..... | 29 |
| 3.4.A cultura a emigração..... | 30 |
| 4. Representações sobre a imigração..... | 36 |
| 4.1.Causas da imigração..... | 36 |
| 4.2.O Brasil como destino e a saída cio Líbano..... | 39 |
| 4.3.Inserção na nova sociedade..... | 43 |
| 4.4.Preocupações relativas à língua..... | 46 |
| 4.5.A percepção do outro e a formação de uma nova identidade..... | 50 |
| 4.6.A relação com os brasileiros..... | 55 |
| 5. Reproduções da vida no Líbano c preservação das relações..... | 59 |
| 5.1.Comunidade libanesa..... | 59 |
| 5.2.Representações sobre o Líbano..... | 63 |
| 6.Conclusão..... | 67 |
| 7.Notas..... | 70 |
| 8.Anexos..... | 71 |
| 9.Bibliografia..... | 73 |
| 9.1.Livros consultados..... | 73 |
| 9.2.Artigos consultados..... | 75 |
| 10. Fontes primárias..... | 77 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela nº1 – Composição religiosa das principais nacionalidades entradas no Brasil pelo Porto de Santos (1908 a junho de 1941)..... | 13 |
|---|----|

1. INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como objetivo analisar o processo de inserção dos libaneses em Belo Horizonte. A apreciação diz respeito ao caráter mutante da identidade conforme a evolução do grupo migratório e das interações com o meio na qual se insere. Esse exame dá-se através do estudo das representações elaboradas e reelaboradas pelos indivíduos do grupo em contato com a comunidade receptora.

A hipótese parte das noções contidas no pluralismo cultural, teoria que propõe um modelo em que “a *inserção no processo social não se restringe a uma dimensão estrutural, expressa em termos da acomodação do grupo no âmbito da estrutura, social, mas deve ser analisada, também, em outra dimensão - a representação - em relação às formas de consciência, elaboradas pelos agentes sociais. Ambas estão interrelacionadas como partes de uma totalidade no processo social de inserção*”.¹ O grupo reelaboraria e reconstruiria, portanto, representações a partir de estratégias adaptativas.

Para alcançar os objetivos propostos foi feito uso da história oral. A investigação desenvolveu-se a partir de testemunhos recolhidos entre libaneses residentes em Belo Horizonte, pertencentes a diferentes religiões. Através de entrevistas temáticas buscou-se delimitar os caminhos de sua origem, seguindo sua trajetória e suas diversas etapas vitais.

As entrevistas temáticas comprometeram-se com caráter pessoal do

entrevistado, procurando elementos que expusessem aspectos relevantes à informação temática central. Por se tratar de uma pesquisa a respeito das representações do grupo, foram elaboradas perguntas relativas às experiências da imigração. A metodologia utilizada na elaboração e aplicação das entrevistas partiu do programa indicado por Verena Alberti no *Manual de história oral* publicado em 2004 pela Fundação Getúlio Vargas.²

No que se refere à pesquisa quantitativa, não foi possível estabelecer reflexões a respeito de questões como número de imigrantes divididos por faixa etária e sexo, pois não foram encontrados estudos demográficos sobre a presença de libaneses na região que compreende o estado de Minas Gerais e a cidade de Belo Horizonte. O Arquivo Público Mineiro não possui registros da chegada desses imigrantes, provavelmente pelo caráter transitório de sua presença nos fins do século XIX.

A necessidade de outras fontes que realizassem a contraprova e excluíssem as imprecisões contidas nos depoimentos dos libaneses entrevistados foi suprida através do uso da bibliografia, lista teve a função de fornecer análises mais detidas sobre alguns dos aspectos abordados. O objetivo não seria eliminar a subjetividade, considerando-se que este trabalho trata das representações construídas pelo grupo, mas enriquecer o exame das entrevistas.

Segundo Giovanni Levi:

Nenhum sistema é de fato suficientemente estruturado para eliminar toda possibilidade de escolha consciente, de manipulação ou

interpretação das regras. Assim a biografia constitui o lugar para se verificar a liberdade de que as pessoas dispõem e para se observar como funcionam concretamente os sistemas normativos.

O depoimento é o espaço em que essa liberdade manifesta-se de forma mais nítida, por isso representa o documento adequado para a interpretação das interações e reformulações do grupo. A memória não é somente um meio de criar vínculos ou consagrar a continuidade, mas, também, uma busca de recriar a origem e para isso é necessário lidar com a instabilidade das imagens e com o risco do desaparecimento ou ficções de conservação.

Por isso as análises partem do pressuposto de que a angústia gerada pela perda dos signos de cultura se extravasa na busca pela preservação que acaba por modificar a memória. O desejo da reconstituição é impulsionado pela ameaça do desaparecimento do objeto de memória no tempo e espaço. Transforma-se em uma tentativa de gerar um eleito de origem desconsiderando as transformações dos costumes, congelando a relação entre origem e signo. Essa reestruturação da identidade possui mobilidade na medida que permite que a memória se invente e a história se reinvente continuamente de acordo com as necessidades do grupo.

A monografia é composta por quatro capítulos divididos da seguinte forma:

I. A imigração libanesa para o Brasil: breve panorama. Neste capítulo foram enumerados os diversos fatores relacionados a imigração

libanesa, como o histórico da entrada de libaneses no Brasil, as causas da emigração, as condições que levaram à escolha do Brasil como local de destino e o histórico dessa imigração para Minas Gerais e Belo Horizonte. Este capítulo visa explicitar aspectos relevantes da história do Líbano que pudessem auxiliar na compreensão dos fenômenos a serem analisados nos demais capítulos (memória do imigrante, processo de inserção, mudanças estruturais).

II. Representação sobre a vida no Líbano. Trata das estruturas sociais apresentadas na sociedade libanesa e como estas se manifestam no discurso dos entrevistados. Para isso, foram analisados aspectos culturais e organizacionais pertencentes a essa sociedade. A intenção é compreender como esses elementos regem a vida do libanês, a fim de traçar um perfil que possibilite a compreensão do grupo.

III. Representações sobre a imigração. Versa sobre as representações a respeito do processo de imigração: suas causas, os motivos que levaram à escolha do Brasil como local de destino, como se deu o processo de inserção, diferenciação, criação e reconstrução da identidade e suas representações. A análise detém-se sobre a percepção e a relação com o outro. A proposta é o estudo do que foi reconstruído a partir da convivência e como isso ocorre.

IV. Reproduções da vida no Líbano e preservação das relações. Aborda as permanências, buscas, reencontros e a preservação. Trata da organização da comunidade libanesa no Brasil e das relações e vínculos

mantidos com o Líbano, trata de como esses imigrantes reconstruíram suas representações na nova sociedade e como o grupo se relaciona com o novo sistema.

2. A IMIGRAÇÃO LIBANESA PARA O BRASIL: BREVE PANORAMA

2.1. *Histórico da imigração de libaneses para o Brasil*

O Brasil caracteriza-se, a partir de 1808 - ano da abertura dos portos e da lei de 25 de novembro, que permitia a concessão de terras a estrangeiros – como um local de atração e absorção de imigrantes. A substituição da mão-de-obra pelo trabalho livre do imigrante, o aperfeiçoamento e barateamento dos transportes marítimos, a difusão de notícias sobre novas terras através da imprensa, as crises europeias e asiáticas, foram fatores que favoreceram a migração internacional por todo o século XIX. O fenômeno de deslocamento de emigrantes europeus e asiáticos para as Américas tem como uma de suas principais causas as dificuldades enfrentadas no Velho Mundo devido aos avanços do capitalismo. Milhões de emigrantes procuravam novas condições de existência, dependendo de políticas de subvenção e mesmo se deixando levar por propostas enganosas, no período que ficou conhecido como a era da Grande Imigração.⁴

A entrada em massa de libaneses no Brasil iniciou-se em 1870. Devido à dominação turca no Oriente Médio por 400 anos, os primeiros imigrantes libaneses apresentavam passaportes fornecidos por autoridades turcas, por isso foram registrados nos portos brasileiros como turco-árabes. Com o fim do Império Turco em 1917, os libaneses passaram a ter sua

nacionalidade reconhecida no Brasil que foi, também, o primeiro país a reconhecer o Líbano como nação soberana após a proclamação da República Libanesa, em 1943¹.

Á vinda de libaneses para a América, em fins do século XIX e início do século XX, tinha como pontos de partida os portos de Beirute e Trípoli. Por meio de agências de navegação francesas, italianas ou gregas, esses emigrantes dirigiam-se para outros portos do Mediterrâneo como Gênova, na Itália, onde chegavam a esperar meses por uma conexão que os levasse para o Atlântico Norte ou Sul. Muitos deles, com o objetivo de chegar aos Estados Unidos, principal destino da imigração árabe, acabavam vindo para o Brasil ou Argentina enganados pelas companhias de navegação.⁵

A maioria desses imigrantes era cristã (ver tabela 1), religião predominante em território libanês. A historiografia a respeito dessa imigração atribui esse fenômeno à perseguição sofrida pelos cristãos sob domínio otomano. Essa perspectiva vem sendo discutida e o peso das perseguições relativizado em função do argumento que afirma que os cristãos, que praticamente constituíram a totalidade dos imigrantes para as Américas antes da Segunda Guerra, possuíam mentalidade “progressista” estimulada pela presença francesa. Os muçulmanos seriam mais apegados ao solo e teriam dificuldade de seguir seus preceitos em uma terra na qual representariam minoria.

¹ Embora a República Independente Libanesa tenha sido proclamada no dia 1º de setembro de 1920, ficou sob o protetorado francês devido aos desdobramentos políticos da guerra. Sua independência só foi reconhecida após a proclamação da República Libanesa em 1943.

Composição religiosa das principais nacionalidades entradas no Brasil
pelo Porto de Santos (1908 a junho de 1941)

| Grupo nacional | Imigração total | Religiões | | | |
|----------------|-----------------|-----------|-------------|---------------|-------------|
| | | Católicos | | Não católicos | |
| | | Número | Porcentagem | Número | Porcentagem |
| Todos | 1.327.911 | 1035.275 | 78.0 | 292.636 | 22.0 |
| Turco-árabes | 47.388 | 26.291 | 55.5 | 21.576 | 45.5 |
| Turcos | 26.348 | 11.860 | 45.0 | 14.488 | 55.0 |
| Sírios | 17.606 | 11.785 | 66.0 | 5.821 | 33.1 |
| Libaneses | 3.434 | 2.214 | 64.5 | 1.220 | 35.5 |
| Portugueses | 293.584 | 293.497 | 99.9 | 87 | — |
| Espanhóis | 209.892 | 209.958 | 99.9 | 85 | — |
| Italianos | 206.056 | 205.958 | 99.9 | 98 | — |
| Japoneses | 188.490 | 2.854 | 1.5 | 185.636 | 98.5 |
| Alemães | 49.893 | 14.210 | 30.3 | 32.683 | 69.7 |
| Romenos | 24.041 | 14.326 | 59.6 | 9.715 | 40.4 |
| Iugoslavos | 21.069 | 18.863 | 88.3 | 2.502 | 11.7 |
| Lituanos | 21.069 | 16.738 | 79.4 | 4.331 | 20.6 |
| Poloneses | 16.912 | 6.279 | 37.1 | 10.633 | 62.9 |
| Austríacos | 15.251 | 13.053 | 85.6 | 2.199 | 14.4 |

Fonte: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio. *Boletim de Imigração e Colonização*, 1940, p. 155.⁶

O documento não explicita se as religiões cristãs estão incluídas nos números e porcentagens referentes aos católicos. A alta porcentagem de não católicos concernente aos turco-árabes, turcos, sírios e libaneses indica que as demais religiões cristãs estão incluídas nessa classificação. Essa consideração, somada às condições da população cristã no Líbano neste período, confirmam o baixo índice de entrada da população muçulmana no Brasil.

Durante o domínio do Império Otomano eram impostas restrições aos cristãos, vítimas de ofensas e massacres em períodos mais hostis, exceto

aos maronitas^{II} que mantinham independência restrita. Em 1831, durante o governo de Ibrahim Pachá (1823-1840), os cristãos alcançaram igualdade política com muçulmanos e druzos^{III}. Com o fim do governo de Pachá, forçado pelas potências europeias a se retirar, os otomanos acirraram as hostilidades entre maronitas do norte do Líbano e druzos do sul no intuito de acabar com as ambições da formação do um império árabe, manter o controle da região e assim poder extrair uma carga tributária mais elevada.

A oposição entre maronitas e druzos atingiu seu apogeu com *massacre dos maronitas* em 1860. As estimativas do massacre vão além de onze mil cristãos assassinados e quatro mil refugiados.⁷ A matança, somada aos interesses imperialistas, impulsionou a intervenção dos governos da Inglaterra e da França e o regime turco foi forçado a abolir o sistema de privilégios aos senhores feudais e dar autonomia plena ao Líbano. Em 9 de junho de 1861 foi instituído o *Réglement Organique*, acordo que estabeleceu o controle do Líbano pelas sete potências: França, Inglaterra, Áustria, Prússia, Rússia, Itália e Turquia. As disposições deste estatuto determinavam: a reconstrução do Líbano como Estado autônomo sob um governador geral, cristão, designado pelo governo turco e aprovado pelas demais potências, seu

^{II} Católicos apostólicos romanos do Oriente, que, segundo a tradição, receberam os ensinamentos do próprio Cristo e dos apóstolos. No século III eram chamados de primeiros cristãos. Maroun, santo que viveu na segunda metade do século IV na região da Antochia, fundou a Ordem Religiosa, unindo religião e nacionalidade. Sofreram perseguições e desrocarãvse para Síria e Líbano no século V. estabeleceram-se no Monte Líbano como pequenos proprietários rurais. Sua localização é utilizada como forma de legitimar seu grupo diante dos demais.

^{III} Membros de uma das doutrinas islâmicas à qual foram acrescidas contribuições do neoplatonismo e do hinduísmo. criando um tipo de sincretismo religioso. Se auto-identificam como unitanastas, pois acreditam na unicidade de Deus.

mandato seria de três anos renováveis; a instauração de um conselho administrativo, composto por doze representantes eleitos pelas diversas comunidades religiosas, que assessoraria o governo; as fronteiras do Líbano entre Bekaa e a faixa litorânea; nenhuma força turca poderia entrar em território libanês e nenhum imposto poderia ser cobrado pela Turquia; com a abolição dos privilégios feudais das famílias tradicionais libanesas todos os cidadãos foram considerados iguais perante a lei⁸. Porém, o volume de emigrantes cristãos receosos de novos massacres permaneceu elevado. Além disso, França e Inglaterra não cumpriram sua promessa de apoio e neutralidade no conflito, deixando transparecer seus interesses em dominar a região.

Entre 1870 e 1880 entraram oficialmente 1.946 *turco-árabes* no Brasil. De 1880 a 1888 houve queda nos números, mas em 1889 as entradas subiram para 1.823. Na década seguinte procuraram o Brasil 15.321 sírio-libaneses. Em 1900, o governo turco proibiu a emigração, exceto para o Egito, pois precisava de homens para combate em suas guerras balcânicas e coloniais. Apesar disso, nos anos que precederam a Primeira Guerra Mundial o número de imigrantes turco-árabes para o Brasil chegou a 33:220, sendo 10.866 em 1914.⁹ As causas da emigração apontadas nesse período são o serviço militar obrigatório, que em 1909 foi estendido aos cristãos que antes eram deles dispensados, os altos impostos, as doenças e os conflitos religiosos.

Durante a Primeira Guerra Mundial, no intuito de desferrar a

autonomia concedida ao Líbano à força em 1860, os exércitos turcos invadiram seu território e confiscaram os estoques de trigo e grãos para assegurar as provisões de seu contingente. Os aliados haviam proibido a entrada de gêneros alimentícios por transporte marítimo. A falta de alimentos seguiu-se a diminuição da resistência a doenças, a população foi assolada por epidemias de tifo, varíola e cólera.¹¹ Após a Primeira Grande Guerra, França e Inglaterra assumiram o controle do Oriente Médio. A República Independente Libanesa foi proclamada no dia 1º de setembro de 1920, ficando, entretanto, sobre o protetorado francês devido aos desdobramentos políticos da guerra.

A indústria da seda nesta região decaiu, prejudicada pela seda japonesa, que possuía preços mais baixos e, devido à abertura do canal de Suez, não precisava mais passar por suas rotas tradicionais.¹² E, após algumas décadas, a introdução do rayon destruiu essa indústria. Além disso, o cultivo de produtos agrícolas havia enfraquecido em fins do século XIX e iniciou-se, mutuamente, o processo de crescimento das cidades. O crescimento da população das aldeias havia atingido seu limite em relação à utilização das terras aráveis.¹³ Com o término da Primeira Guerra, o Líbano via-se dependente do domínio europeu e em crise econômica devido à queda da distribuição de seus produtos.

De 1920 a 1930, a entrada de libaneses no Brasil oscilou entre 1.000 e 5.000 pessoas por ano¹⁴. Em 1930, a depressão econômica e a adoção de uma política de imigração pelo governo brasileiro reduziram esses números.

Houve significativa diminuição da imigração e redução do número de residentes libaneses em solo brasileiro. Esse fenômeno foi provocado pela imigração de retorno dos libaneses que vieram com intenção de trabalhar e voltar às terras de origem.

A partir da década de 50, a emigração no Líbano intensificou-se devido à instabilidade política causada pela criação do Estado de Israel.^{IV} Seu território foi invadido por milhares de palestinos que aumentavam os problemas religiosos, sociais e a pressão sobre o mercado de trabalho. A invasão do exército sírio ao leste do Líbano sob o argumento de defender a supremacia da região, a intervenção iraniana através do Hezbollah e o revide de Israel aos países que ofereciam proteção aos grupos que reivindicavam a libertação da Palestina acarretaram inúmeros conflitos.

Em 1970, o rei da Jordânia expulsou os palestinos de seu território e grande parte desses refugiados fixou-se no Líbano que se tornou alvo dos ataques de Israel. Em 13 de abril de 1975 teve início a Guerra Civil Libanesa que opôs cristãos e muçulmanos, palestinos e libaneses, xiitas e sunitas. Até 1990, ano do fim da guerra, mais de cem mil pessoas haviam sido mortas,

^{IV} No período da I Guerra Mundial, judeus residentes na Europa ofereceram apoio militar à Inglaterra. Em troca reivindicaram a fundação de um Estado Nacional judeu. Em 1917, o ministro inglês Arthur James Balfour, responsável pelos assuntos exteriores, declarou o favorecimento de um espaço judeu no território palestino. Com a divisão do Oriente Médio entre Inglaterra e França, os judeus iniciaram a ocupação, mas o governo inglês, pressionado pelos palestinos decretou uma cota de imigração de judeus, mas esta continuou legalmente. Com o nazismo alemão o número de imigrantes cresceu gradativamente. A Inglaterra que já não conseguia manter o equilíbrio na Palestina entregou a questão para a ONU. Os EUA utilizaram-se de seu poder de potência econômica e foram contra a oposição árabe exercendo pressão sobre alguns países em favor da causa judaica. Em 29 de novembro de 1947 a Palestina foi dividida entre árabes palestinos e judeus, que por serem mais organizados e fortes militarmente invadiram as aldeias expulsando os palestinos de suas terras.

cerca de 30% da população havia sido evacuada e trezentos mil libaneses optaram pelo exílio.

2.2. *Condições e falares associados ao local de destino*

O Brasil era, no imaginário dos imigrantes libaneses, um país grande com riqueza para todos, caracterizando-se como local de atração desses grupos. A República havia se inaugurado com a naturalização dos estrangeiros residentes no Brasil em 1889. Em 1890, a Lei Glicério determinava a livre entrada a todos os indivíduos aptos ao trabalho por qualquer um dos portos brasileiros, exceto aos negros.

Os primeiros libaneses eram, em sua maioria, homens casados, que partiam para o Brasil em busca de fortuna e que esperavam retornar em breve para sua terra natal, ou solteiros que queriam enriquecer e voltar para casar e formar suas famílias. Poucas mulheres acompanhavam seus maridos no princípio. Os primeiros grupos que voltaram espalharam em todo o Líbano as boas notícias sobre o Brasil, seu povo pacífico, sua hospitalidade e a facilidade de conseguir trabalho. O sucesso dos pioneiros manteve o Brasil como local de destino.

No princípio do século XX, antes da Primeira Guerra Mundial, a imigração de libaneses aumentou, deslocando famílias inteiras. Com a vinda de um número maior de mulheres para o Brasil os casamentos normalizaram-

se. A maioria dos casamentos processava-se entre patrícios. As gerações posteriores de imigrantes foram estimuladas pela rede social que já se havia estabelecido, possuíam familiares e amigos bem colocados no Brasil. Emigrar para as Américas fazia parte do lugar comum entre as famílias libanesas que ficavam orgulhosas de ter parentes residentes no exterior.

Inúmeras famílias dependiam dos parentes que haviam emigrado para sobreviver e estes quando voltavam eram recebidos com (estas que duravam semanas. O emigrante era tido como responsável pelo sucesso da família, vizinhança ou mesmo de uma região. Wadih Safady menciona, no livro em que conta suas experiências e discute questões relacionadas à imigração, a importância do imigrante que veio para o Brasil em sua cidade:

Zahlé era o maior centro de imigração para o Brasil, pois o bairro moderno, Al-sufi, com seus luxuosos hotéis e residências ricas, a maioria deles construídos com dinheiro trazido do Brasil, se chamava o 'bairro dos brasileiros'. A avenida principal daquele bairro chamava-se Avenida Brasil.¹⁵

Durante a Primeira Guerra Mundial houve sensível declínio do fluxo migratório. Porém, devido ao crescimento industrial no pós-guerra, os altos índices foram retomados. Entre as décadas de 1930 e 1940 houve redução da entrada de estrangeiros no Brasil causada pela crise econômica e pela política nacionalista que culminou, em 1932, com proibição da entrada de imigrantes. A Constituição promulgada em 1934 centralizava as decisões acerca da imigração e da colonização, que desde 1891 estava a cargo dos estados, e consagrava o regime de colas. O número de imigrantes passou a não

poder exceder o limite de 2% sobre o número total dos já fixados no Brasil durante os últimos cinquenta anos.¹⁶ Além disso, redefiniu o conceito de imigrante que até esse ano era todo estrangeiro que desembarcasse em portos brasileiros vindos de terceira classe. Agora era definido pela vinda ao país para exercer uma profissão por mais de 30 dias.¹⁷

Após a Segunda Guerra Mundial, o Conselho de Imigração e Colonização eliminou a quota para imigração em massa estabelecida pela Constituição de 1937. Novamente houve aumento do número de entrada de estrangeiros, ondas sucessivas de imigrantes libaneses vieram para o Brasil. Na década de 1970 ocorreu, porém, uma mudança significativa na orientação dos fluxos migratórios, que deixaram os países em desenvolvimento para dirigirem-se aos países desenvolvidos.¹⁸

2.3. *imigração para Minas Gerais*

A ocupação de Minas Gerais iniciou-se no século XVIII com a descoberta das Minas. A partir do século XIX houve o aumento das atividades agrícolas e pecuárias e uma expansão manufatureira, estes processos acarretaram um aumento populacional de 350.000 para 2.039.733 de habitantes. Esses fatores atraíram grande número de imigrantes para o estado até a década de 20, em que São Paulo tornou-se o estado com maior índice de entrada de imigrantes.

Os imigrantes libaneses desenvolviam atividades mercantis no

Brasil, o que representava resistência à vida agrícola, sendo esta a de interesse do Estado. O governo de Minas tinha preferência por colonos europeus, assim como os demais governos dos estados brasileiros. Entretanto, os libaneses penetraram no território mineiro em número significativo. Os pontos de atração de imigrantes sírios e libaneses que vieram para Minas foram a Zona da Mata (Juiz de Fora), Triângulo Mineiro (Uberlândia e Uberaba), cidades próximas às estradas de ferro (Teófilo Otoni) e Belo Horizonte.

Na década de 1920, Minas Gerais foi o segundo maior estado em número de imigrantes libaneses e sírios, com 8.684 instalados em seu território²⁰. A partir da década de 50, estabeleceu-se relação entre a atividade exercida pelos comerciantes em Belo Horizonte e sua origem, os libaneses, sírios e judeus estavam ligados ao comércio de tecidos, roupas e móveis, os portugueses ao de especiarias e miudezas, os japoneses ao de produtos agrícolas e os italianos ao de quinquilharias e calçados. Os libaneses investiram no setor de malharia, tecelagem e confecções.

A partir de 1970 houve queda do número de entrada em Minas Gerais, de 5.548 sírios e libaneses em 1950 para 3.468. Segundo o censo de 1980, o total de libaneses no Brasil era de 21.903 e as maiores colônias encontravam-se, em linha decrescente, em São Paulo, 9.429, Rio de Janeiro, 1.452, e Minas Gerais, 1.213. O censo de 1991 apresentou um pequeno crescimento desse índice, Minas Gerais concentrava 1.342 libaneses, sendo 561 residentes em Belo Horizonte²¹.

2.4. *A imigração em Belo Horizonte*

Após a transferência da capital de Minas Gerais para Belo Horizonte no início do século XX, o aumento populacional favoreceu o crescimento do comércio e da indústria. As possibilidades atraíram estrangeiros e migrantes de várias partes do Brasil. Belo Horizonte transformou-se no centro industrial mais expressivo de Minas Gerais. Na década de 20 a cidade ultrapassou o padrão projetado, devido ao crescimento da população e do comércio, principalmente varejista. Na década de 30, os limites previstos e estabelecidos pela comissão responsável pela construção da cidade já haviam sido extrapolados. Assim, a capital mineira tornou-se a primeira cidade do Estado de Minas Gerais, considerada um dos centros industriais e comerciais mais importantes do país.

Belo Horizonte transformou-se em ponto de atração para os *patrícios* libaneses, que acabaram se fixando na capital mineira, principalmente na rua dos Caetés. A Caetés prosperou e tornou-se um ponto de referência em tecidos e armarinhos e manteve sua importância comercial e concentração de estabelecimentos varejistas. Nesse período, esta rua era frequentada por todos os segmentos sociais e foi apelidada como *rua dos turcos* devido à significativa presença de imigrantes libaneses, sírios e judeus.

Os libaneses tenderam a uma ocupação comercial, significando algo

mais complexo que a simples inserção urbana. Esses imigrantes, apesar de não serem desejáveis a princípio no contexto mineiro por serem mascates e não agricultores, estabeleceram-se e obtiveram ascensão econômica.

3. REPRESENTAÇÕES SOBRE A VIDA NO LÍBANO

3.1. O papel da família

Segundo Clarck Knowlton, no livro *Sírios e libaneses mobilidade social e espacial*, a estrutura das comunidades libanesas baseia-se na vida no campo, com aldeões inseridos e identificados nessa estrutura, detentores de escasso senso de identificação com unidades administrativas maiores como região, província ou nação. A unidade familiar está associada à família grande, que consiste em três gerações: o chefe da família, reverenciado pelos membros como um patriarca, e os demais elementos: esposa, filhos e noras (estas, acolhidas pela família do marido), netos, filhas e filhas solteiras²². A família grande é responsável pelo controle do comportamento de seus membros.

Na tradição libanesa os valores associam-se ao sentimento de honra e unidade da família. Esse sentimento, que tem suas origens relacionadas a um passado tribal, tem como fonte a família ampliada, capitaneada pelo patriarca, que é o responsável pela manutenção da unidade familiar e pela administração de suas obrigações e posses. Os membros da família, por sua vez, devem obediência ao patriarca.²³ Segundo Alixa Naff, quando questionados a respeito de quem são, os sírios e libaneses respondem identificando a família, a religião e o local de origem: *"Porque, implícita em qualquer relação, faz-se presente a inflexível convicção individual de que a honra da família é maior ou pelo*

*menos equivalente àquela de seu interlocutor”.*²⁴

Essa lógica é demonstrada em fragmentos do discurso do Sr. Pedro, um dos entrevistados, que permaneceu no Líbano alguns anos após a saída de sua mãe e irmãos e assumiu as obrigações de manter, sozinho, seu núcleo familiar:

*Como não tinha muitos recursos eu fui no seminário, aonde tenho as melhores lembranças da minha vida, eu tive alguns anos, mas não era. minha vocação para continuar. Depois fui na École Normal em Beirute, a única escola que estava formando professores e tinha muita, consideração na época. Me formei professor e comecei a lecionar, a ensinar, na minha cidade natal. Cuidando no mesmo tempo da minha casa, das minhas terras e trabalhando sempre, sem parar, cuidando da minha família. **Meu irmão mais velho que era diretor do colégio largou o Líbano para vir para esta terra, o Brasil, minha mãe veio junto porque tinha todos os irmãos dela aqui no Brasil e queria juntar a família. Fiquei sozinho no Líbano, lutando, trabalhando. Nunca pensei fazer bagunça, tinha um pouco de terrenos e cuidava, mexi com a terra, colhendo, plantando, eu mesmo, com a ajuda de alguns operários, quando teve jeito de evitar, evitava, porque não é só trabalho que erige, tem que trabalhar e economizar [...]**.*²⁵

O entrevistado deixa transparecer em sua fala fenômenos comuns ao imigrante. A necessidade de satisfação dos compromissos familiares está relacionada à presença da mãe e de seus irmãos mais velhos. A separação da família ampliada é tratada como justificativa para a possibilidade do abandono das funções: *"Nunca pensei fazer bagunça"*. Mesmo diante de seu núcleo familiar esposa e filhos a manutenção de suas obrigações e a administração dos bens familiares são tratadas como motivo de elevação pessoal. Diante do rompimento da unidade familiar, o entrevistado assumiu a função do patriarca, mas admite que a quebra precipitada poderia anular o cumprimento imperativo

da tradição.

Nesse universo tradicional há, ainda, uma segunda estrutura social, representada pela aldeia ou pelo bairro, que é o grupo de parentela. Este abrange todas as famílias grandes, que se identificam como descendentes de um mesmo antepassado. São unidades de parentesco do tipo corporativo que se organizam em torno da descendência em pequena profundidade e que se relacionam com a posse da terra. Alguns grupos de parentelas cooperam densamente entre si, mas essa característica não representa um princípio comum.²⁶ Os membros pertencentes a essas famílias seriam os responsáveis pela liderança da comunidade.

3.2. *A mulher*

A existência, no Líbano, é indissociável da relação familiar, o indivíduo tradicionalmente aprende a sustentar a honra da família, e esse imperativo manifesta-se, principalmente, na colocação da mulher na sociedade. Dentro da família há uma divisão aberta de papéis entre os sexos. As mulheres são responsáveis pelos trabalhos domésticos e os homens pela subsistência. A imagem feminina está diretamente relacionada às noções de honra e orgulho guardadas pela família. Essas características nos ajudam a entender certas passagens nas entrevistas em que a mulher identifica na saída da comunidade original a possibilidade de desenvolvimento pessoal. É o caso

da passagem retirada do depoimento de Monia, entrevistada de origem druzá:

E mudamos para Beirute, e em Beirute estudei em escola da minha, religião, porque lá é tudo dividido por...Tinha essas duas, né? E minha vida assim, muito, como fala? Mais rígida a vida de mulher, então era só estudar e não podia sair muito com as amigas, então era muito mais fechado.²⁷

Mesmo com a possibilidade de alargamento de horizontes com a mudança para a capital, o controle da família permaneceu rígido, limitando a ação da mulher. Outro trecho da entrevista reitera a relação entre a ausência da tutela direis dos familiares e a liberdade existente no Ocidente como um menor controle social sobre o indivíduo:

Não, não é que eu cheguei aqui e mudei de religião, desde pequena eu sou muito assim, eu queria ser freira, quando estudava na escola, de freiras no Libano, eu queria ser freira. Só que não tem como mudar de...com meus pais.^v

À presença da família e de uma comunidade religiosa são representantes do policiamento do comportamento individual, a impossibilidade de mudança na religião, em detrimento da vontade e mesmo das influências recebidas pela entrevistada na infância, são ilustrativos do controle exercido sobre os anseios do indivíduo. A autoridade age no intuito de preservar o comportamento do grupo, mesmo no caso da entrevistada, que teve acesso circunstancial a diferentes grupos sociais.

^v A entrevistada, de origem druzá, residiu e estudou em região católica antes de se mudar para Beirute.

3.3. *O lugar da religião*

No território libanês a associação entre crença e família configura-se como o principal fator de coesão entre os grupos, identificam-se inicialmente com a religião, depois com a nação. A identidade religiosa c de fundamenta] importância, pois a população é classificada de acordo com sua crença c não com sua raça ou origem étnica. Há uma forte segregação geográfica associada ao credo, os grupos religiosos formam sociedades. Os habitantes de cada aldeia são considerados uma comunidade dentro da estrutura do Estado.²⁸ Quando questionados a respeito das características de sua região de origem os entrevistados referiram-se, principalmente, aos aspectos religiosos. Como é o caso do depoimento do Sr. Gaby:

*Na minha cidade todos são cristãos. Mas lá é dividido, o Líbano é dividido no meio, metade cristãos, metade muçulmanos. Então os que moram, a maioria são cristãos e do outro lado os muçulmanos, são a maioria muçulmanos, então é mais ou menos dividido- Mais ou menos.*²⁹

As tensões sociais produzidas se refletem na dificuldade e insegurança com que o entrevistado caracteriza a realidade religiosa do Líbano. A existência de áreas de preponderância das religiões encontra-se presente na fala dos demais entrevistados, como é o caso do discurso de Monia:

Minha região, cidade onde eu nasci, é uma cidade montanhosa, na montanha mesmo. É na cidade de Gharife', é pequena, c pequena como todas as cidades no Líbano. E, assim, tinha casas maravilhosas, tinha casas mais simples e era uma cidade tranquila,

*a religião que predomina na cidade é o cristão sírio.*³⁰

As vivências religiosas que caracterizaram os libaneses constituíram, em conjunto com sua origem regional ou aldeã, os pontos estruturadores de sua identidade. Em cada aldeia a autoridade religiosa e responsável pelo controle dos assuntos de natureza religiosa, civil, pessoal e educacional. E essa constitui a forma encontrada para manutenção da ordem Social³¹.

3.4. *A cultura da emigração*

Emigrar é um fato comum no Líbano. Segundo a estimativa da União Cultural Libanesa publicada em 1974 são 4.200.000 emigrados, sendo 2 milhões residentes no Brasil, 1.330.000 nos Estados Unidos, 400.000 na Argentina, 78.000 no México, 100.000 nos países árabes, 70.000 nos diversos países asiáticos e o restante encontra-se disperso.³² A emigração é, na maioria das vezes, relacionada à imagem do libanês inquieto e possuidor de espírito ativo, como demonstra o depoimento de um dos entrevistados:

*Eu vim aqui igual a todo brasileiro vai para os Estados Unidos. Mesma coisa, linha vida boa e não tem nada a ver com necessidade porque eu vim com 18 anos. Não tinha necessidade dessas coisas, mas eu queria coisa melhor para mim. Sempre novidade. Porque 50% dos libaneses imigram, já está no sangue. Porque o Líbano é pequeno para tantos libaneses com a cabeça aberta e grande.*³³

A emigração não está relacionada, no discurso, à escassez, de empregos, à impossibilidade de autogoverno, às invasões ou às crises pelas

quais o Líbano passou. O entrevistado, ao comparar a saída do Líbano à imigração brasileira para os Estados Unidos, cria elementos de associação que estabelecem a pretensa imagem do libanês de espírito empreendedor em busca do enriquecimento.

O sucesso dos pioneiros, em fins do século XIX, evidenciado pelas remessas de dinheiro que chegavam no Líbano, desencadeou o movimento migratório. É certo que os fatores demográficos, políticos e econômicos mencionados no capítulo I foram determinantes, mas um elemento comum perpassava a decisão das famílias ao permitirem que seus filhos emigrassem, a possibilidade de enriquecimento. A cultura da emigração apareceu, então, como uma solução para os problemas familiares. São comuns relatos como o do Sr. Pedro, que associa a crise familiar à emigração dos irmãos:

Meu pai ficou doente e passou uma crise financeira um pouco brava, e nisso, com o coração cortado no meio, tinha que mandar os filhos dele para emigrar e fazer o futuro deles no Brasil. O primeiro irmão chegou antes da Primeira Guerra Mundial para ser hospedado na casa de meus tios em São Lourenço, no sul de Minas. E depois ficaram chegando um atrás do outro.³⁴

Segundo Oswaldo Truzzi, em seu livro *Patrícios - sírios e libaneses em São Paulo*, o que estava em jogo nas famílias ao decidirem enviar um de seus filhos para a América era a defesa do prestígio na sociedade local³⁵. A crença na possibilidade de crescimento pessoal e familiar através da imigração e a efetivação destes anseios por algumas famílias são causas do estabelecimento da emigração como projeto. As condições políticas e

econômicas desfavoráveis, o cálculo destinado a aumentar as condições financeiras do núcleo familiar e as histórias de sucesso de libaneses que se arriscaram em busca de melhorias impulsionaram a cultura da imigração. As famílias foram, assim, fragmentadas, criando uma tradição de reencontro, da necessidade de emigração no intuito de reunir a família, ou a imigração de retorno. Os depoimentos são marcados pela referência constante à pressão dos parentes em torno da necessidade de reagrupar a família, seja através do retorno ao Líbano ou da imigração para a nova sociedade. O Sr. Pedro relatou a pressão feita por sua família para que viesse para o Brasil, pois estavam temerosos em relação à guerra civil:

Eles estavam com muito medo. Por isso escreveram. um.o carta para mim, me falou que o 'Tribunal Superior de Justiça da família' se reuniu e soltou um decreto para eu vir para o Brasil de qualquer forma. Tem que vir você e sua família para fugir dessa guerra suja, deste conflito sujo lá, que estava no Líbano, que demorou quase 17 anos [...].³⁶

O entrevistado faz uma brincadeira que evidencia a importância da opinião da família na esfera individual. Ao se referir ao *Tribunal Superior de Justiça da Família*, denota a força que o pedido da mãe e dos irmãos possui nas decisões a respeito de sua vida e na de sua esposa e filhos. Explicita, também, a importância da manutenção das tradições pátrias e familiares, por indivíduos que conseguiram reproduzir seu núcleo familiar mesmo inseridos em uma sociedade que possui valores distintos. Outro exemplo dessa tradição de reencontro e a pressão sofrida por Monia para que volte ao Líbano a fim de se juntar aos parentes:

Eu lenho laços ainda com minhas tias, com meus tios, eu tenho um tio que mora lá. Tenho amigas, mas amigas que, não é de infância não, amigas que foram, vizinhas nossas quando morávamos na cidade pequena. Ainda tenho laços sim, tia que toda semana figa, sabe, eles exigem, pedem muito para eu voltar para lá, principalmente minhas tias sempre 'tem que voltar, tem que fazer isso, tem que fazer aquilo'. Então eu tenho laços, tenho sim.³⁷

Outro elemento presente nos depoimentos é a ética de trabalho do imigrante ainda em sua fase de vida no Líbano. A presença síria, por ser, para maior parte da população, uma presença indesejada, é associada a funções de pouco prestígio. O elemento dominador é relacionado ao trabalho braçal e é tido como necessário, mas, por outro lado, é acusado pelo escoamento de recursos e por destruir a soberania do país. Na passagem seguinte, o fenômeno manifesta-se no discurso do Sr. Gaby:

Porque o Líbano produz pouco, é igual eu te falei, quase 50% mora fora. do Líbano, mais que os libaneses dentro do Líbano. Então todo mundo ajuda os parentes lá, né? Lá. os sírios, eles trabalham e levam dinheiro para a. Síria, é proibido entrar com objetos para dentro da Síria, só sai, não entra. Então com um milhão de trabalhadores sírios, se cada um levar dez horas por dia imagina o quanto que sai para um país tão pequeno, a economia fica acabada, né? Embora que eles fazem falta porque no serviço braçal é só o sírio que trabalha. Os libaneses não pegam, mas depois que a Síria sair e eles ficarem sem dinheiro ele fica obrigado a pegar.³⁸

Nágila Ibrahim El Kadi, em sua tese sobre a imigração druzá para Goiás, aborda elementos necessários para entender essa relação de trabalho entre sírios e libaneses. Ao tratar de forma aprofundada do impacto da imigração na sociedade libanesa, a autora analisa o grande choque da saída de recursos humanos sobre o desenvolvimento econômico do país. A perda

desses aspectos, inclusive de contingente especializado, representa fator de desestabilização nessa sociedade. Faltam operários na construção civil, no meio rural e no trabalho doméstico e essa mão-de-obra é suprida por trabalhadores originários da Síria, Filipinas e Sri Lanka. O crescimento econômico fortaleceu a aversão ao trabalho braçal e, segundo Nágila, essa substituição foi possível devido, principalmente, à atração da mão-de-obra síria pela valorização da lira libanesa.³⁹

O sentimento de distinção do libanês em relação ao trabalho braçal deve-se à assimilação de um novo valor introduzido pela experiência migratória. Manifesta-se, no senso comum, essa relação direta entre emigração e riqueza. Segundo El Kadi, esse fenômeno se caracteriza, no Líbano, na adoção de um estilo ocidentalizado pelo emigrante que retornou ou por sua família. As mudanças manifestam-se na arquitetura, na língua e na forma de vestir, segundo a autora, algumas das casas mais suntuosas ostentam em seus telhados uma miniatura da *Torre Eiffel*.⁴⁰ No Brasil, esta relação manifesta-se na imagem do imigrante árabe, que é tratado na comunidade receptora como um comerciante nato, possuidor de grande capacidade de negociação.

Já a diferenciação relativa ao povo sírio, analisada por Truzzi, possui bases históricas que se relacionam à influência das missões protestantes no Líbano, seguidas da presença francesa, que fundaram colégios e universidades no Líbano cristão, conferindo-lhes um sentimento de superioridade em relação aos sírios. De um modo geral os libaneses tendem a

considerar seu povo mais culto que o sírio por possuírem influência ocidental mais marcante. Além das diferenças religiosas e culturais, a população síria é majoritariamente muçulmana, ao contrário da libanesa. Para a maioria cristã libanesa, o declínio da cultura árabe devia-se ao atraso da doutrina islâmica e dos sucessivos governos otomanos. Para os muçulmanos sírios, o rechaço das influências ocidentais e a unidade do islã possibilitariam o regresso ao glorioso período da civilização árabe-islâmica (século X ao XIII). A política imperialista dos países europeus no século XIX, que privilegiou as diferentes seitas cristãs e o Líbano através do *Règlement Organique*, foi responsável pelo aumento da distância entre cristãos e muçulmanos e entre sírios e libaneses⁴¹.

4. REPRESENTAÇÕES SOBRE A IMIGRAÇÃO

4.1. *Causas da imigração*

Os primeiros libaneses a virem para o Brasil não receberam estímulos governamentais como os imigrantes europeus. Não participavam de uma estrutura montada para recebê-los. Sua relação com a língua, o trabalho e a religião deveria partir do aprendizado, do imprevisto⁴². Deixavam o Líbano marcados pela repressão, guerra ou falta, ocasionados pela dominação territorial dos turcos, franceses, ingleses e, posteriormente, dos sírios. A historiografia a respeito dessa imigração estabelece quatro períodos de entrada e suas respectivas causas. As três primeiras fases, tratadas mais detidamente pelos autores consultados, podem ser delimitadas a partir das análises de El Kadi:

I. Período de 1860 a 1900 Suas causas são as medidas restritivas à liberdade de expressão, os conflitos religiosos e a extensão do serviço militar obrigatório aos cristãos sob o domínio do Império Turco. A imigração nessa fase é caracterizada como individual e provisória e seu objetivo era fazer fortuna e retomar à terra natal.

II. Período de 1900 a 1914 Marcado pelo grande

(luxo

migratório de caráter permanente. O emigrado trazia sua família, formando uma rede de favorecimento da vinda de outros imigrantes. Essa fase coincide com o auge da imigração libanesa no Brasil.

III. Período de 1914 a 1946 (Mandato Francês) O Alto Comissariado Francês, visando proteger o imigrante *dos* abusos do - recrutamento pelas companhias de navegação e da atitude restritiva dos países receptores, impõe limites à emigração. Este período marca também o retorno de muitos libaneses.⁴³

As representações dos libaneses do quarto período, definido pelos imigrantes que vieram após a Segunda Guerra Mundial, será objeto de análise por oferecer contorno temporal à vinda dos entrevistados. Estes trazem em seus depoimentos a tentativa constante de representar a saída do Líbano como uma questão que não é permeada pela falta. Como é o caso do Sr. Gaby, que chegou ao Brasil em 1968:

Na época em que eu cheguei, já tem 36 anos, então era uma época que tinha trabalho e tudo. Antes da guerra [Guerra Civil Libanesa] eu cheguei, eu vim para cá. Com um, tio da minha mãe que depois de 45 anos, foi passear- e disse 'Não, vamos embora para o Brasil. Vamos, tal, tal'. Fm eslava, não queria estudar mais, já linha terminado, estava há um ano sem fazer nada. Aí eu vim embora com ele.

⁴⁴

Embora afirme que imigrar para o Brasil foi um empreendimento pessoal e que havia oferta de trabalho no Líbano, o entrevistado não possuía emprego. Esse período, posterior à Segunda Guerra Mundial, foi marcado por hostilidades entre grupos religiosos locais, causadas pela saída das tropas francesas, o que possibilitou o crescimento político desses grupos. Outro elemento de crise era a falta de emprego, causada pelo crescimento demográfico, pela invasão de refugiados palestinos expulsos das suas terras

devido à criação do Estado de Israel e pela estagnação da área de lavoura. O discurso confirma a análise feita no capítulo anterior sobre a cultura da imigração. Esse fenômeno demonstra a tendência do imigrante a excluir elementos que enfraqueçam suas raízes culturais.

Outro componente encontrado no discurso do Sr. Gaby que confirma essa ideia é a referência constante ao Brasil como um país com grande oferta de trabalho: *"Mas achei diferente o serviço, aqui está lotado, é só querer trabalhar. Não é igual lá, que é restrito, aqui é muito aberto. Aqui a cidade é aberta e o país grande, dá para acolher todo mundo"*.⁴⁵

Já os imigrantes que vieram após o início da Guerra Civil Libanesa apresentam uma mudança no discurso. Assumem as dificuldades da guerra como fator decisivo para a saída de seu país. Como ocorreu, por exemplo, com Monia que teve seus estudos interrompidos por causa das discontinuidades causadas pelo conflito e, posteriormente, viu-se obrigada a deixar o país:

*Com 18 anos de idade quando começou a estourar a guerra civil e ia para a montanha, voltava. Quando tinha aula voltava, quando piorava a situação a gente ia para a montanha, e ficou assim até 76. Princípio de 76 me casei, em 3 de janeiro e fui embora para a Libéria. Casei muito nova e eslava no terceiro ano científico, é uma pena não deu para completar lá, acabei fazendo o supletivo aqui para terminar meu segundo grau.*⁴⁶

Embora esses imigrantes apresentem a guerra como razão da saída de seu país, os elementos externos são colocados como seus agentes. A pátria natal é isenta da culpa de expulsar seus filhos. Essa isenção encontra-se expressa ao discurso do Sr. Pedro ao referir-se aos fatores que levaram-no à

decisão de deixar do Líbano:

[...] não faltava nada para mim, absolutamente nada. Era boa a vida que tinha, mas trabalhando sempre, lutando sempre para ter uma vida digna. Como faço hoje, ainda, e todo mundo sabe. Começou uma guerra suja no Líbano e a guerra pegou uma forma religiosa, política, mistura, mistura suja, interferência de vários países vizinhos, principalmente Israel e a Síria e a guerra durou um pouco. Com medo de meus filhos entrarem nas milícias e virar a cabeça, porque sempre preguei a paz e o amor como aprendi no seminário. Então, ao pedido da minha mãe, dos meus irmãos, meus quatro irmãos que estavam aqui, resolvi vir para o Brasil que tinha conhecido em 1972 e adorei demais.⁴⁷

4.2. O Brasil como destino e a saída do Líbano

Segundo Clarck Knowlton o emigrante que escolheu o Brasil no início do século XX teve como principal motivo a ausência de visto para os Estados Unidos, que se apresentava como local de preferencia. Muitos, por não preencherem as condições de entrada exigidas eram desembarcados no Rio de Janeiro ou em Santos. Posteriormente passaram a vir por incentivo de parentes e amigos que conseguiram crescer economicamente, buscavam um ambiente propício para o enriquecimento. Como foi tratado nos capítulos anteriores, os imigrantes que vieram após as medidas restritivas impostas pelo governo brasileiro saíam do Líbano impulsionados pelas crises internas e escolhiam o Brasil por possuírem parentes residentes aqui.

As famílias que se transferiram para o Brasil, neste período ou durante a Guerra Civil Libanesa, apresentam um elemento comum. O valor atribuído à família por sua sociedade foi fator determinante na decisão de

emigrar. O Sr. Pedro foi claro ao referir-se aos motivos que o trouxeram ao Brasil.

*Optei pelo Brasil, principalmente porque minha família inteira, quatro Irmãos estavam aqui Estrangeiro no Líbano como já tinha falado, estrangeiro na minha terra. Por que a casa não vale nada, posso ter aqui, o terreno não vale nada, posso ter aqui, o cargo meu não vale também porque aqui tem jeito de trabalhar em outro cargo.*⁴⁹

No Líbano, a escolha da família é que determina o âmbito de ação do indivíduo. A separação da família ampliada destitui as unidades de parentesco e transforma suas relações. Quando afirma que sua casa, seu terreno e seu cargo não valem nada sem sua família, o entrevistado confirma a constatação anterior de que a família em conjunto com a religião é o elemento norteador do indivíduo dentro dessa sociedade. No mesmo discurso, o entrevistado menciona a resistência de sua esposa em se separar de sua família para vir ao Brasil:

*Em 72 eu vim. para o Brasil como turista e fiquei três meses, adorei, gostei, queria ficar, mas minha esposa chorou e odiou essa palavra, porque a família dela inteira estava no Líbano, eu que me sentia estrangeiro na minha terra, lá. Apesar de ter amigos, o que é bom, mas sem família que vale? A terra, a casa, o comércio, nada vale, o que vale é a família. E vocês sabem como a família oriental vive unida.*⁵⁰

A estratégia encontrada pelo Sr. Pedro e sua esposa diante da guerra e do conflito familiar estabelecido pelo desejo do depoente em juntar-se à sua família e pela resistência de sua esposa em deixar sua parentela no Líbano foi a mudança gradual, a renúncia do processo de decisão:

Realmente a gente não estava pensando que a gente vinha definitivamente. Por isso eu deixei minha casa lá mobiliada, deixei tudo lá, não me desliguei da minha função de professor. Mas depois, com o (empo percebemos que não tinha mais jeito. Entendeu? Fugindo da guerra de lá nós ficamos aqui presos, depois de ler amigos e parentes e não sei que, não sei que, que deixou a gente preso, ligado, cada dia mais ligado com essa terra, com esse Brasil e com os amigos que nós temos aqui, com várias amizades que nós lemos e nós lemos uma família grande. Eu, meus irmãos, com filhos, netos e genros tem 72 pessoas.⁵¹

O caso de Monia também é ilustrativo do conflito que se instaurou em algumas famílias de imigrantes desse período. O desejo do marido de voltar para o Líbano quando a guerra acabasse impediu a fixação de seu núcleo familiar. Ao saírem de seu país em 1976, a entrevistada e o marido imigraram para a Libéria e, em 1984, com o início da guerra civil naquele país, resolveram emigrar novamente. Segue o trecho da entrevista em que a depoente conta sua experiência:

Eu fiquei na Libéria até 84, saí da Libéria 18 de julho de 84. E viajei com três filhos, meu marido também, para vários países. Fomos para a Alemanha primeiro, depois Líbano, a guerra estava muito, muito feia nesse ano. Do Líbano, fiquei no Líbano uns dois meses e vinte dias, foi assim muito difícil. Fui para Portugal e só fiquei um mês, ficamos, porque viajava com a família toda. De Portugal fomos para os Estados Unidos, ficamos um mês lá também e depois viemos para cá.

E por que vocês saíram da Libéria?

Da Libéria? Porque depois da primeira revolução, leve revolução, guerra, civil, também. E depois da primeira revolução mudou muito lá, as famílias ficaram com medo por causa, da instabilidade do país. Então estava meio inseguro.

E dos outros países?

*Dos outros países ou por causa da língua ou por causa de... **Porque Salim tinha o objetivo de voltar a morar no Líbano, era o sonho dele, mas infelizmente por causa da guerra não teve como realizasse sonho. Então a gente ficava... Quando eu cheguei aqui no***

Brasil eu falei para a gente ficar aqui porque eu já estava com carteira de permanência, então tem que ficar aqui no Brasil porque acho o Brasil um país bem passivo e tem calor humano, é tranquilo também. O povo gosta de viver mesmo e consegue viver mesmo com pouco dinheiro, com muito dinheiro consegue viver bem, alegre, e longe da guerra. Porque já não estava mais aguentando. Então preferi ficar aqui.⁵²

O desejo de seu marido de voltar para o Líbano foi fator desestabilizador de seu núcleo familiar. Monia se refere, em outro trecho, ao período em que se encontravam nos Estados Unidos, próximos de seus pais e irmãos, e o marido impediu que se lixassem, em detrimento do seu desejo, por temer que a permanência dificultasse a volta ao Líbano. Esse receio de que a criação de laços em um novo lugar impedisse a volta à sociedade de origem manifestou-se no processo de transferência dessa família:

*Ê, foi. a mudança foi aos poucos. **Na minha cabeça estava mudando definitivamente, mas na cabeça do meu marido ele estava ainda com esperança que um dia ia parar a guerra e a gente ia voltar para o Líbano, só que a guerra demorou muito.** Então logo compramos apartamento e fomos mobiliando apartamento e com os anos eu comecei a comprar outros imóveis, então já lava... Para mim era aqui que eu queria ficar, meus filhos já estavam acostumados. Foi dessa forma. Mas a mudança que é muito difícil é a cultura, essas coisas que demorou um pouco para adaptar, mas assim a gente em todo lugar tem que aceitar e ir acostumando, adaptando, aplicando nossa vida de acordo com a cultura do país.*

Estes depoimentos reforçam a análise anterior que associa as noções de terra, pátria e família. A necessidade de reaproximação de elementos familiares, como a parentela ou a pátria de origem, a busca pelo resgate de elementos tradicionais da cultura foram da imigração libanesa neste período.

4.3. *Inserção na nova comunidade*

Apesar de serem, em sua maioria, pequenos agricultores em suas aldeias de origem, a inserção desses imigrantes foi marcada pela fixação urbana. No Brasil, encontraram um sistema de distribuição de terras que dificultava o acesso, não possuíam recursos financeiros para se tornarem proprietários, o sistema de lavoura era diferente do que estavam habituados e o trabalho como colono nas grandes fazendas era reservado ao imigrante europeu. A miséria da população rural e o sistema de compra vinculado ao proprietário da terra repeliram esses imigrantes do trabalho no campo. Optaram pelas cidades e pela distribuição de mercadorias, a mascateação, ofício exercido predominantemente por gregos, armênios e judeus na terra natal. Era uma atividade que permitia que trabalhassem como autônomos e favoreceria o retorno ao país, pois não teriam contratos a cumprir.

Apesar de não serem mercadores em seu país de origem, estavam familiarizados com a atividade, pois a Grande Síria era uma rota comercial tradicional e, além disso, muitas das famílias que trabalhavam nas lavouras vendiam seus próprios produtos.

Quando chegaram, já existiam mascates portugueses e italianos, porém os libaneses e sírios formaram uma forte rede de solidariedade que triunfou sobre a concorrência. Não possuíam preço fixo, praticavam um comércio flexível e estavam dispostos a conceder crédito, monopolizaram,

assim, o comércio ambulante. Viajavam pelo interior do país oferecendo aos colonos das fazendas diferentes possibilidades de compra. Vendiam grande variedade de produtos e tornaram-se bons compradores, praticando a troca devido à escassez, de moeda no interior. Nos primeiros anos de atividade, os mascates, em visita às cidades interioranas e, principalmente, às fazendas de café, levavam apenas miudezas e bijuterias. Mas, devido ao aumento do capital, passaram a oferecer tecidos, lençóis, roupas prontas dentre outros artigos. Redefiniram as condições de lucro e introduziram práticas da alta rotatividade e alta quantidade de mercadorias vendidas, das promoções e das liquidações.⁵⁴

Muitos dos agricultores que cultivavam árvores frutíferas, oliveiras, vinhedos ou cereais e emigraram estavam familiarizados com o comércio, embora essa não fosse sua atividade principal. Vendiam os produtos que produziam em seus lotes de terra. Essa prática pode ser ilustrada pelo discurso do Sr. Pedro, que ao emigrar já possuía parentes fixados no Brasil e havia estabelecido, no Líbano, o comércio como atividade. Ele cita o período em que possuiu uma loja de produtos agrários:

*Ganhava bem como professor e ganhava da minha terra. E como gostava da terra e entendia muito de agronomia **montei uma loja pra vender material agrícola para dedetizar, como tinha vários aparelhos, alugando para outros através dos funcionários que trabalhavam comigo, não faltava nada para mim, absolutamente nada.***⁵⁵

O trabalho de mascate no Brasil não exigia habilidade técnica, grandes investimentos ou conhecimento da língua portuguesa e possibilitava

um rápido crescimento financeiro. Quando obtinham dinheiro suficiente, deixavam de viajar a pé e compravam burros e, posteriormente fixavam-se em vilarejos, normalmente onde possuíam maior freguesia. O estabelecimento do imigrante como comerciante incentivava o fluxo migratório, mandavam dinheiro a seus parentes e amigos para que viessem trabalhar com eles. O comércio transformou-se em uma forma de ascensão social do grupo.

Em seguida se transferiram para os grandes centros, começavam como lojistas e formavam sociedades entre parentes e amigos. Desenvolveram redes de lojas de atacado e varejo. Posteriormente, muitos investiram na indústria, principalmente têxtil e de confecções. Os pioneiros contribuíram com a formação de colônias, acolhendo os recém-chegados provenientes das mesmas regiões, promovendo solidariedade e cooperação. Criaram mecanismos facilitadores do crédito, de fortalecimento e favorecimento para sustentar suas atividades econômicas.

Segundo Oswaldo Truzzi, além do crescimento econômico dentro da sociedade brasileira, investiram na ascensão social. Seus filhos deveriam ingressar em cursos superiores que proporcionassem o trabalho autônomo, a fim de se tornarem doutores. Havia o desejo de consagração dessas famílias e a inclusão de seu nome na elite local. A geração de filhos e netos dos imigrantes que iniciaram suas atividades com a mascateação no Brasil não é composta somente por grandes comerciantes, nem por ricos capitalistas da indústria, mas também por profissionais liberais, tais como médicos,

engenheiros, jornalistas, professores, economistas, advogados, que escolheram atividades diferentes das de seus pais. Inclusive conquistaram postos de destaque na alta administração do país, ocupando lugares de direção dos negócios públicos, nas assembleias de representação popular, na magistratura, no magistério, no executivo.⁵⁶ Essa busca por ascensão e assimilação aponta a necessidade da primeira geração de imigrantes de preparar seus filhos profissionalmente para solidificar o processo de inserção.

4.4. Preocupações relativas à língua

Os primeiros imigrantes possuíam, em geral, baixo grau de escolaridade, uma das principais causas da visão estereotipada que se criou em torno do imigrante de língua árabe. Além da ausência do conhecimento de aspectos formais facilitadores do aprendizado de uma língua estrangeira, havia dificuldade na distinção dos gêneros e na pronúncia de letras, como o *p* e *u*, que não existem no alfabeto árabe, e da letra *g*, que é pronunciada como *c*.⁵⁷ Aspecto aparente nas diferenças culturais, a língua foi fonte de estigma e constrangimento.

Truzzi, ao tratar das barreiras impostas a esses imigrantes, menciona o projeto proposto, em 1906, por Porfírio de Alcântara Pimentel, vereador nacionalista, à Câmara de São José do Rio Preto:

A bem popular e bem do governo municipal desta cidade:

l.) Todos os negociantes árabes e turcos desta cidade, não poderão

continuar no comércio deste município sem ler um goarda livro esse que seja brasileiro dentro de 30 dias (...)

2.) Todos os turcos que faltam na língua turca perto de um brasileiro por cada vez que fallar multa de 10\$000 paga na boca do cofre municipal. Todo brasileiro que ouvir elles faltando e não der parte ao fiscal multa de 10\$000.

*Saúde e fraternidade.*⁵⁸

Esse projeto não foi aprovado, mas ilustra as dificuldades que a fala trouxe aos libaneses. O idioma foi associado, de forma generalizante, às características do grupo: dedicação ao comércio, casamento endogâmico, cultura culinária e sociabilidade introvertida. Esses elementos, somados à já mencionada identificação pelos documentos da imigração, provocavam a designação desses imigrantes como *turcos*. Essa denominação foi motivo frequente de reclamações pelos vários autores da colônia libanesa, embora fosse aceita por ser elemento inerente à socialização. Fatores essenciais da identidade desses indivíduos eram destruídos por aquela que seria uma das principais formas de manutenção da identidade do grupo.

Com o protetorado francês, em 1920, as escolas passaram a ensinar a língua francesa e a maioria dos imigrantes chegou com conhecimento que ajudou no aprendizado do idioma. Porém não possuíam domínio da língua portuguesa. Os estrangeiros que vieram a partir desse período não tiveram grandes dificuldades com o aprendizado do idioma. Possuíam formação escolar, noções de línguas latinas, proporcionadas pelo estudo do francês, e parentes que já possuíam conhecimento do português.

A língua e o campo em que se manifesta com maior nitidez a

necessidade de adaptação do imigrante e de seus descendentes.⁵⁹ Essa dificuldade de adequação na nova sociedade fez com que muitos imigrantes alterassem seus nomes. Assim, para mudar a posição exótica do libanês, instaurou-se a tradução dos nomes. Provavelmente a censura relativa à fala causou constrangimentos aos imigrantes:

Quando abri minha primeira loja chegaram alguns patrícios, porque quando a gente é novo não vai procurar conversar com brasileiros porque que não entende a língua, vai procurar alguém que entende a língua e não fica rindo da cara dele. Porque se vou falar mal português, brasileiros vão rir de mini. Então a gente procurava amizade, conversa com alguns patrícios.⁶⁰

O Sr. Pedro relembra a experiência, no começo de sua vida no Brasil, em que o receio do olhar do brasileiro diante de suas restrições linguísticas impedia a inserção na sociedade receptora por meios que excluíssem de seu grupo. O entrevistado aprendeu a língua, como a grande maioria, através do uso cotidiano, trabalhando, mas procurou evitar que seus filhos passassem por obstáculos que o desconhecimento do idioma pudesse causar:

Então, eu cheguei no Brasil em 1980, chegamos aqui 17 de agosto, na primeira semana coloquei uma professora- particular para dar aulas para meus filhos, início de novembro, com um mês e pouco no Brasil abri uma loja, sozinho, com a ajuda de meus irmãos, mas eu tornava conta. Falando mal, mas falando pouco português. Aprendi mal, porque aprendi com minhas funcionárias que falam muito mal, mais mal que eu. Mas como professor de francês tinha domínio das palavras, da língua, mas da gramática não. Mesmo que era craque na gramática, francesa.⁶¹

Embora o aprendizado da língua portuguesa não tenha apresentado grandes dificuldades para essa leva de imigrantes, que possuía o domínio da

língua francesa, é comum no discurso a presença do receio referente ao uso da língua. Os entrevistados apresentaram dúvidas relativas ao vocabulário e menções pejorativas à pronúncia peculiar. A língua transformou-se em objeto de autocensura no discurso dos entrevistados, que julgam sua pronúncia e uso gramatical vergonhoso, como é o caso de Monia:

*A língua não foi muito **difícil**, até hoje eu falo errado, falo com **sotaque**, mas na hora que eu entrei no Brasil falava francês, inglês e árabe. Então ajudou bastante a aprender a língua portuguesa com facilidade, mais rápido. Mas até hoje eu misturo muito, gramática péssima e agora preciso, tenho que fazer uma aula porque é uma vergonha continuar dessa forma.*⁶²

E ainda no depoimento do Sr. Pedro:

*Eu aprendi com o tempo, sempre misturava francês com português, línguas da mesma origem. Muitas vezes as mesmas palavras eu dava um final, uma terminação para adequar com o português. E ainda tenho sotaque diferente e umas vezes também ainda continuo misturando um pouco.*⁶³

O medo do erro e a apreensão, "Porque se vou falar mal português, brasileiros vão rir de mim", demonstrados nos trechos anteriores demonstram-se, no próprio discurso dos entrevistados, conflitantes. Em outra passagem, quando questionado se já havia passado por alguma situação constrangedora ocasionada pela reação de brasileiros aos seus erros de português ou ao sotaque, respondeu:

*Não, não. Francamente não. Até hoje faço discursos e discursos, entendeu? Mesmo que lambuze um pouco com sotaque diferente, em geral ninguém fica rindo da minha cara. Parece que porque sou velho me respeitam.*⁶⁴

O receio do olhar alheio está relacionado ao sentimento de não

pertencimento. O imigrante sofre com a incerteza em relação à sociedade receptora. O desejo de se estabelecer na comunidade local transforma sua relação com a língua, com as pessoas e com o país. Há uma expectativa negativa anterior a experiência real do contato, isso produz inseguranças que dificultam a assimilação. Ao mesmo tempo, os entrevistado resistem em apontar casos efetivos de recepção negativa, a avaliação geral do brasileiro é marcada pelo sentimento de hospitalidade. Ao tratar de sua experiência de aprendizado do português em contato com o brasileiro, Monia trata a relação como uma forma de socialização:

*Visitei São Paulo, Rio, Brasília e fiquei muito encantada foi com a recepção, hospitalidade do brasileiro. Fm lembro uma vez eslava com meu filho de oito meses, eslava em Brasília no aeroporto, muito nova segurando meu filho e ele era muito magro, meu primeiro filho. Chegou uma senhora e me ensinando como que lenho que carregar meu filho, como que tem que cuidar. E a paciência que eles tem com pessoa que não fala a língua e ensina e...*⁶⁵

4.5. *A percepção do outro e a formação de uma nova identidade*

A inserção se expressa em termos da acomodação do grupo no âmbito da estrutura social, mas também nas formas de consciência elaborada por esses agentes, ou seja, na busca pela construção de uma imagem do grupo, suas representações. A comunidade de origem fornece as bases para a formação desse grupo social.

A figura do mascate, homem trabalhador que abandonou sua

família para fazer a vida no Brasil, surge como construção adequada à exaltação da comunidade, pois mostra-se ajustada à imagem do espírito aventureiro e do instinto comercial atribuídas ao libanês. Sua proclamação age como forma de majoração do grupo e também como ponto de contraposição à associação com outros grupos imigrantes ou nativos valorados negativamente. Truzzi afirma que os libaneses, no período inicial de entrada, seguiram a tendência geral da imigração no Brasil, a fuga da interação ou identificação com os negros. Essa distinção associativa aparece no discurso dos entrevistados de forma diversa, por se tratarem de recursos adaptativos utilizados em épocas distintas. Monia, que teve contato com outros grupos de imigrantes por participar do Clube Internacional das Senhoras em Belo Horizonte, refere-se a estrangeiros que têm dificuldade de adaptação no Brasil de forma depreciativa:

Não é também abrir mão de tudo não, tem que ir adaptando, fazer... igual tem pessoas que falam que vão para a Itália, por exemplo, todo ano e trazem malas e malas só com comida italiana, isso eu acho enjoadíssimo. Se eu saí do meu país para outro país não é para ficar dentro de uma pequena Itália, de um pequeno Líbano. Então tem que ser aberto, tem que conhecer, experimentar, isso que eu acho.⁶⁶

A reinvenção da identidade étnica cumpriu a função de definir os modelos a serem copiados ou rejeitados.⁶⁷ A identidade, definida no Líbano pelo reconhecimento da família, da cidade da qual se origina e pela religião (identidade religiosa como condição de reconhecimento de uma pertença legítima), tende a ser reconstruída ou reinventada a partir da interação com o

grupo receptor. A família foi afastada e a segregação religiosa tende a minimizar-se frente à sociedade global. Ao chegarem ao Brasil a identidade libanesa é recriada.

A partir do contato e da busca por inclusão surgem também a percepção da diferença entre os grupos. A consciência da diversidade é responsável pela **criação dos espaços de inclusão e exclusão**. Colocando-se à distância da sociedade de acolhida, nos testemunhos surge o *nós*, libaneses, e os *outros*, como elemento de definição. A crença em convenções comuns que devem ser mantidas pelo grupo explica a conservação de alguns elementos constitutivos de limites com o interlocutor. O termo *eles* aparece no discurso de Monia como uma tentativa de distanciamento, é interessante notar que a depoente dirigia-se a um elemento da sociedade receptora durante a entrevista e o uso da terceira pessoa aparece como uma tentativa de isentar o pesquisador.

*Eu sou muito, a gente fala nem oito nem. oitenta, aqui é a liberdade, o que eles ehamam de liberdade. Meninas que saem de casa, namoram, beijam na rua. fssso pra mim é muito. Então eu acho que a mulher tem que ter mais respeito com ela mesma e com isso consegue o respeito do homem pra ela mesma. Porque hoje trocam de namorada como trocam de roupa, isso è muito ruim. Isso não aceito de jeito nenhum.*⁶⁸

A diferença de costumes cria um sentimento de honra e consagração a hábitos que, na sociedade de origem, não eram questionados. Certos costumes do *outro* são avaliados de forma negativa, embora os elementos elogiosos da nova cultura sejam incorporados ao modo de vida do imigrante.

A figura empreendedora do mascate e do comerciante trouxe para o imigrante a valoração da sociedade de inserção, destruindo as possíveis assimilações do grupo a elementos indesejados. Essa construção concentra-se em torno da ética do trabalho, o libanês assume a imagem do empresário, gerador de empregos, do elemento que acrescenta.

O mascate cumpriu a função adaptativa de construir a imagem, situar e inserir o grupo no contexto social de adoção, mas deixou uma herança cultural de pouco prestígio, a figura do mascate analfabeto, ignorante. Isso explica, em parte, o esforço pela formação acadêmica dos filhos. No período de entrada dos primeiros imigrantes, enquanto no Líbano ocorria a difusão do ensino por influência das escolas cristãs francesas, o ensino superior era elemento de ascensão no Brasil.

Marco Aurélio de Machado, em sua tese *O mais Importante é a raça*, ao tratar da importância dos cursos superiores no Brasil e sua influência sobre os imigrantes sírios e libaneses cita Gilberto Freyre, em *Sobrados e Mucambos*, que assim abordou o assunto:

(...) o prestígio do título de 'bacharel e de 'doutor' veio crescendo nos meios urbanos e mesmo nos rústicos, desde o começo do Império. Nos jornais, notícias e avisos sobre 'bacharéis formados', 'Doutores' e até 'Senhores Estudantes', principiaram, desde os primeiros anos do século XIX a anunciar o novo poder aristocrático que se levantava, envolvido nas suas sobrecasacas ou nas suas becas de seda preta, que nos bacharéis-ministros ou nos doutores-desembargadores, tomavam-se becas 'ricamente bordadas' e importadas do Oriente. Vestes quase de mandarins. Trajos quase de casta. E êsses trajos capazes de aristocratizarem homens de côr, mulatos, 'morenos'.⁶⁹

O retorno social para a família do esforço na formação dos filhos é que motivou a imagem construída pelos libaneses a respeito da formação escolar⁷⁰. Como pode ser notado no discurso do Sr. Pedro:

*Eu e meus filhos temos várias lojas, **meus filhos são todos formados e trabalham no comércio**, [...] Então, abri minha loja, muitos me falaram, seus filhos tem que trabalhar com você, **imigrante não pode dar esse luxo para os filhos**, para economizar operário e ganhar dinheiro. Minha resposta foi muito clara: **Eu estou aqui não é para ganhar dinheiro, quero em primeiro lugar dar educação e cultura para meus filhos.**' Tenho três filhos, são todos formados apesar da dificuldade. E são da primeira geração, entendeu? Um filho médico, cardiologista, um formado em comércio exterior na UNA, a minha filha é formada em belas artes na Guignard. Mas mesmo que formados trabalham no comércio comigo. E nós temos seis, sete lojas.⁷¹*

A formação universitária, que confere *status* na sociedade receptora, tornou-se necessária como forma de admissão. A educação passou a não se apresentar como opção para o trabalho, mas como forma de distinção social. É nítida a conservação de um comportamento tradicional, através manutenção da atividade familiar, trabalho e família permanecem unidos na nova sociedade.

Outra característica marcante dos aspectos formadores da identidade desse grupo é a apreciação, de modo superlativo, do pertencimento a uma *civilização milenar*, este é um valor que se esforçam para demarcar em contrapeso ao discurso oficial, ao processo contemporâneo de homogeneização das culturas e aos programas escolares que ignoram o papel histórico da imigração, sobretudo a árabe. Há uma grande produção de livros encomendados por parte da colônia libanesa com o intuito de preservar a

identidade do grupo e divulgar seus valores. A introdução do livro *Mundo Árabe Berço da Civilização*, produzido pela Confederação de Entidades Árabe-Brasileiras, é ilustrativo desse esforço:

Esta edição do 'Mundo Árabe Berço da Civilização', livro de pequeno (amanho mas imenso valor cultural, pela capacidade de síntese e de resgatar os valores eternos da, cultura e da civilização árabe, chamado pelos historiadores de Fértil Crescente, foi o berço da civilização Grego-Romana da qual se originou a civilização Ocidental e Cristã [...].

Acreditamos que outros amantes da verdade histórica de nossa cultura, seguirão o exemplo desses três [patrocinadores do livro], para que um dia, em todas as escolas e todos os professores de História do Brasil, tenham, o conhecimento do conteúdo do referido livro, e se Deus quiser, em um futuro não muito distante, o povo brasileiro possa conhecer a verdade emanada, do mesmo.⁷²

E também comum, na produção bibliográfica de autores libaneses, a referência às riquezas e contribuições da cultura fenícia. O apelo à origem fenícia, reivindicada pelos cristãos em contraposição à história contada pelos muçulmanos que aproxima as origens da civilização árabe aos feitos de Maomé, constitui uma forma de controle e manipulação da identidade.

Os libaneses no Brasil identificam-se como imigrantes e mantêm a tradição familiar relativa a essa identificação, isso se explica pelo prestígio alcançado por esse grupo, por seus costumes Ocidentais o Líbano é conhecido como a França do Oriente e por serem, grande parte dos imigrantes, cristãos, fé predominante na sociedade brasileira e na libanesa, fator que lhes confere proximidade estrutural com o Ocidente. Quando questionada a respeito das mudanças sofridas a partir da transferência para o Brasil, Monia apontou elementos comuns na cultura árabe com os quais afirma

não se identificar:

*Eu acho que eu mudei muita coisa, especialmente eu. Eu acho que eu fiquei com muita coisa diferente do Líbano, Principalmente a religião, na religião, eu nunca gostei disso sabe? E também tratamento da mulher, tratamento do... **Sempre fui com pensamento mais europeu desde pequena.** Então aqui me sinto mais tranquila em relação a isso, porque não pode ser nem muito rígida nem muito liberal também, tem que manter equilíbrio. Então eu acho que gostei mais de ficar aqui porque pra mim fico bem mais tranquila.⁷³*

A rigidez religiosa e no tratamento com a mulher são assimilados ao aspecto atrasado da população oriental. Quando o aspecto rigoroso da cultura árabe é trazido à tona, o libanês reivindica as heranças deixadas pelo processo de ocidentalização do Oriente Médio e pela dominação francesa no Líbano, diferenciando-se dos contornos tradicionais. A entrevistada toma para si a imagem da mulher ocidental, as representações sobre o grupo e sobre si são reelaboradas e reconstruídas a partir das estratégias adaptativas.

4.6. *Relação com os brasileiros*

A manutenção de valores comuns ao povo oriental ou ao libanês, somada à necessidade de destruir imagens que atribuam pouco prestígio ao grupo, obedece ao modelo em que o grupo social preserva suas características originais dialogando e partilhando de características culturais e institucionais do grupo com o qual estabelece contato. É comum no discurso dos imigrantes o paralelo entre elementos semelhantes da sociedade receptora e elementos da

sociedade de origem. Como é o caso da fala da entrevistada:

Principalmente aqui em Minas você se adapta muito bem porque parece que é a mesma cultura, são muito família, muito família também, eles são fechados, associados. Então eu acho que o libanês adapta muito bem aqui e gosta de batalhar, gosta de trabalhar, então... E nunca leve problema em relação a nada, pelo contrario, sempre muito bem recebida, muito bem tratada, então não vejo... Claro que pelo sotaque todo mundo sabe, 'você é estrangeira, não é?', mas o resto tranquilo.⁷⁴

A elevação do grupo em que se inserem e o estabelecimento de um paralelo de comparação entre este e o grupo de origem configura-se uma estratégia de integração à sociedade receptora. A cultura mineira, familista, afetiva e relacional e considerada pelo imigrante como análoga à sua cultura original. Isso ocorre como uma tentativa de minimizar as diferenças entre os grupos, e um recurso para omitir as fragmentações diante da sociedade brasileira, que se apresenta avessa ao conflito, à exposição da diferença.⁷⁵

Embora haja uma visão estereotipada dos brasileiros em relação aos libaneses, o domínio da sociedade anfitriã não cerceou o espaço de mobilidade social do imigrante. Os libaneses alcançaram posições de destaque e valorizam a abertura oferecida pelo país. Quando questionado a respeito do seu contato inicial com os brasileiros, o Sr. Gaby afirmou que *"foi bom, sem problema porque os brasileiros são muito hospitaleiros, né? E com o estrangeiro que não sabe falar eles davam mais atenção ainda. Foi tranquilo, sem problema nenhum"*.

O libanês reconhece o comportamento afetivo do brasileiro, que diante do estrangeiro agiria com docilidade e paciência, principalmente no que

se refere às questões da língua. Essa cordialidade entre os grupos é manifesta nas comparações entre as práticas das duas sociedades, com indivíduos de outras nacionalidades, como aparece no discurso do Sr. Pedro:

*Realmente eu acho que esse povo... dá vont... **Fico emocionado. E um povo muito bom, não tem povo igual no mundo, é muito parecido com o povo do Oriente, que é gente que sabe tratar, entendeu? Que é gente que sabe tratar. Em, não sei que ano, viajei para a Argentina, acho que foi em 83, vou te contar, não gostei. Não gostei do povo, não da cidade, uma maravilha tudo lá, eu tenho duas irmãs lá, uma maravilha. Mas o povo parece artista, orgulhoso, não é atencioso, não tem carinho nenhum.. Quando no Brasil é diferente, entendeu?***⁷⁶

É característico esse sentimento de gratidão à sociedade de acolhida, circunstância derivada de ser esta a pátria que os recebeu ou a pátria de seus filhos. Não obstante, esta é também uma das estratégias de adaptação, podemos chamá-la de negociação⁷⁷. Nascida do abrigo da posição cômoda alcançada pelo libanês no Brasil, a gratidão emerge em seu discurso.

5. REPRODUÇÕES DA VIDA NO LÍBANO E PRESERVAÇÃO DAS RELAÇÕES

5.1. *Comunidade libanesa*

Nos primórdios da imigração libanesa para o Brasil o desconhecimento da língua e o baixo grau de instrução tornaram-se, como já foi enunciado, obstáculos para a assimilação da cultura brasileira. Esses imigrantes fecharam-se em grupos assegurados por espaços privados como igrejas, clubes, residências, associações, lojas, que buscavam manter sua cultura original. Além de formarem espaços comuns ao grupo, foram instituídos jornais, associações filantrópicas culturais, restaurantes, cursos de língua árabe, dentre outros aparatos de divulgação de sua cultura.

No momento em que os libaneses passaram da expectativa da imigração de curto prazo à da fixação por um período mais longo ou definitivo, mantiveram esses **mecanismos de alimentação** da identidade do grupo. A existência de um espaço público onde se falava português e um espaço privado onde se falava árabe revelou fronteiras entre o grupo e a sociedade de acolhida⁷⁸. A união permitia que se preservassem de críticas etnocêntricas e suas variações eugenistas.

Os locais de profissão de fé apresentaram-se como possibilitadores da diferenciação dentro da comunidade. Apesar da população brasileira ser predominantemente cristã, foram construídas em Belo Horizonte e em outras

capitais, além da mesquita, igrejas melquita, maronita e ortodoxa. A identificação religiosa tendeu a se diluir, mas os diferentes grupos buscaram reproduzir algumas de suas instituições e seus rituais.

Os libaneses de diferentes religiões levaram uma convivência pacífica dentro da comunidade, mas tendiam a considerar o elemento religioso em suas relações mais próximas. Durante as entrevistas os depoentes trataram o aspecto religioso como um elemento de pouca importância, embora se identificassem como religiosos, excluíam a referência aos libaneses de outras religiões do discurso. Essas reticências deixaram transparecer as diferenças mais marcantes, os imigrantes tendem a não reconhecer o conflito, não deixar transparecer a imagem de que em sua colônia há atritos ou divergências. Porém, em conversas informais referiam-se a indivíduos de religiões distintas como radicais. Embora a segregação religiosa tenha diminuído diante da sociedade brasileira, que prega a liberdade de credo, a comunidade, apesar de ser unida pelo elemento pátrio, mantém a divisão religiosa internamente.

A família é a principal fonte de reprodução e preservação cultural!. Como valor destacado da tradição árabe, cultivado pelos imigrantes se inclui a solidariedade da família extensa. Cabe a ela a manutenção do imaginário social de pertença e a orientação da relação com os outros.

Outro instrumento de reprodução foi a imprensa, que acompanhou os processos políticos no Líbano. Inicialmente os periódicos eram editados em árabe, durante a década de 1940 com a proibição de publicações em idiomas

estrangeiros, passaram a ser editados em português.⁷⁹ Possuíam, nesse período, o viés militante, ocupavam-se em promover a independência do Líbano. Posteriormente, o objetivo passou a ser a exaltação das atividades do grupo, projetando os membros da colônia. Transformou-se em uma espécie de coluna social, registrando casamentos, aniversários, homenagens, poesias, receitas culinárias. Nos últimos quinze anos, após a Guerra Civil Libanesa, os jornais voltaram a cumprir a função de divulgadores de notícias relacionadas à política, economia, religião e cultura do Líbano. Adotaram o papel militante novamente, em prol da libertação do Líbano do controle sírio.

Embora organizem festas e comemorações atinentes a aniversários, chegada de visitantes, novos imigrantes, recepções de autoridades políticas e religiosas, a comunidade libanesa modificou alguns de seus aspectos identitários. É formada por filhos de libaneses em sua maioria, pois a imigração para o Brasil decaiu nas últimas décadas. Alguns libaneses ainda imigram, ao encontro da família, mas essas entradas não representam números significativos. E o que demonstra a resposta do Sr. Gaby ao ser questionado sobre o convívio com a comunidade:

Convivo, conheço alguns, lá no clube libanês nós somos uma junta comercial e junta governativa. A gente se encontra sempre para poder resolver negócios do clube, então é só nós que falamos árabe mesmo, já morreu todo mundo. É porque os filhos não falam, né? Geralmente. Então que falam árabe são poucos, pode contar nos dedos hoje, não igual a antigamente não.⁸⁰

A crença em uma origem subjetiva comum ainda é alimentada por alguns membros da primeira geração, que exigem que seus filhos aprendam a

língua e fazem questão de participar de associações, celebrar as datas comemorativas e os heróis nacionais e escritores conhecidos. O Sr. Gaby, em outro momento da entrevista, quando questionado a respeito do aprendizado de sua língua pelos filhos, afirma que acha importante que falem árabe e que fez questão que aprendessem:

*Falam, ensinamos, porque minha mulher fala, então a gente fala dentro de casa em árabe. Eles aprenderam porque foram para lá, foram forçados a falar, ficaram três meses, eu deixei eles lá. **Então forcei eles a falar com os primos, então aprenderam. Eles falam.***⁸¹

No que se refere aos netos o discurso se modifica, não há como exigir que falem árabe, nasceram no Brasil, são brasileiros e não tem necessidade de aprender. Como aparece no discurso do Sr. Pedro, quando questionado sobre a frequência do uso da língua árabe:

*Nem sempre, não, nem sempre. Porque quando você está na frente da televisão, vendo alguma novela, vendo notícias, vai comentar em que? Em português, natural. De vez em quando, quando vai falar alguma coisa a gente fala em árabe, entende? Meus filhos falam um pouco em árabe. **Meus netos não e não adianta, nunca vão aprender porque para aprender a língua tem que conviver com a língua.***⁸²

Os entrevistados também apresentam em seu discurso o ideal de uma comunidade organizada, que no passado foi unida e que celebrou o crescimento econômico e a cultura de seu povo. No entanto, observa-se a baixa participação nas instituições fundadas para promover a solidariedade étnica, como demonstra o discurso de Monia:

Antigamente eu tinha mais contato do que hoje, antigamente eu era mais do que hoje. Antigamente eu era sócia do Clube Libanês,

*hoje eu deixei de ser sócia. As famílias, assim, a gente visita um ao outro, quando tem algum evento, quando vem. alguém de fora, encontra na igreja. Dia da independência do Líbano, também faz a festa, nessas ocasiões. Agora, tem, claro, tem sempre encontro com amigas minhas, a gente visita o outro.*⁸³

5.2. *Representações sobre o Líbano*

Embora fosse comum aos libaneses o desejo de retorno à terra natal, principalmente na fase inicial dessa imigração, houve dificuldades no processo de readaptação do indivíduo que tentou retornar ao Líbano. O imigrante assimilou novas noções e hábitos durante a experiência migratória. A seguinte passagem da entrevista com o Sr. Gaby ilustra essa lógica:

E você pensou em voltar a morar no Líbano?

Pensei, mas não adapto mais, tentei, fui lá, vi, voltava, sempre ia. Fui lá uma vez fiquei dois meses, voltei e acabei chegando agora à definição. Já definitiva, opinião definitiva. Não tem jeito, eu gosto daqui, daqui eu não saio mais.

Quando você tentou voltar para lá você já era casado?

*Não, eu era casado, eu pensei que quando fizesse 50 anos eu vou morar lá, mas é o contrário. Então nunca, cheguei lá e não adapto mais, porque aqui já vivo aqui mais anos do que lá. Eu costume, conheço mais daqui do que de lá. Então não gosto mais.*⁸⁴

O retorno ao Líbano era relacionado, no imaginário do entrevistado, ao término da vida, ao descanso do trabalho feito no Brasil. Porém, implicaria a necessidade de reconstrução de seu lugar na sociedade e uma readaptação cultural. Por conhecer mais e ter vivido mais anos de sua vida aqui, abraçou o sentimento de pertença ao Brasil.

Os imigrantes entrevistados, quando questionados a respeito do que o Líbano significa, mencionaram, em sua maioria, os familiares que deixaram

E os lugares sociais que ocupavam. Como o Sr. Pedro que afirma que o Líbano é sua terra natal E guarda suas lembranças, além da ligação que possui com parentes e dos bens que deixou.

*Tenho saudades sem dúvida, eu gosto de ir lá porque tenho ainda os amigos, tenho os parentes, tem minha consideração. **Quando chego lá todo mundo me chama 'O professor Pedro!'**, é gostoso. Quando chegou um cara, um médico outro dia para tratar de meu neto, há uns três anos atrás, uns quatro anos atrás: 'O professor Pedro!', 'me conhece?', 'sim, eu era seu aluno'. E gostoso. Era meu aluno e me reconheceu, entendeu? Hoje é médico, me orgulho com isso. **Tem ainda os primos, os sobrinhos da última irmã que ficou lá e tem a família da minha esposa. Eu gosto de ir lá, sem dúvida, prefiro ir ao Líbano mais que em outro lugar. Porque lá tem minha vida, tem minha vida, minhas lembranças. E como já tinha falado cada pedra tem. uma história, um nome e cada árvore uma história.**⁸⁵*

As representações dos imigrantes libaneses sobre sua região de origem excluem o fatores que ocasionaram a saída do Líbano de parentes ou deles próprios. Estejam essas causas relacionadas à dificuldade de conseguir emprego, à guerra ou ao desejo de reencontrar familiares que haviam emigrado. Em geral, esses indivíduos possuem uma visão idílica do Líbano e reconstroem as imagens a partir das memórias relacionadas à adolescência e a períodos prósperos. Esse fenômeno pode se notado na fala do Sr. Pedro ao descrever sua cidade natal:

A minha cidade. Duma, no Líbano, c uma cidade no alto das montanhas, a mil e cem metros de altitude, pendurada entre o céu e a terra. Aonde, como fala o poeta francês Lamartine, cada pedra tem um nome e cada árvore tem uma história, uma história longa. De um pai, de adolescente, de jovem, de professor, de agricultor, como todo mundo tive um bom pedaço de terra, ate 47, 48 anos de vida. Nesta cidade linda, com. casas boas, lindas, cobertas por telhados vermelhos, uma forma especial mesmo, são poucas cidades

*desse jeito. Então, sem dúvida, lenho umas lembranças lindas, boas e muita saudade.*⁸⁶

O imigrante assume um lugar transitório que abrange o sentimento de pertença e as saudades de um passado ideal. Sua condição impõe a existência de uma outra pátria que acolha e substitua o estado de origem que não permitiu sua permanência. Assim, é comum que os imigrantes refiram-se ao Brasil como um lugar bom para se viver ou mesmo como sua pátria.⁸⁷ Como Monia, que ao tratar de seu país de origem refere-se com carinho, mas não pensa em voltar:

Olha, o Líbano é muito importante para mim. Sempre acompanho todas as notícias, sempre estou ligada para ver o que vai acontecer, sempre é... Mas virou, tinha um lugarzinho no meu coração. Não é assim, lugar que pretendo voltar pra morar nem nada, mas claro que é um país muito importante e é claro que eu lembro de cada coisinha, desde a minha infância até o fim, até o último dia que eu saí de lá. Lembro de cada momento que eu vivi lá, com muito carinho. Me machucou muito essa guerra, tem um lado que eu sinto muita tristeza eu deixei de realizar muitos sonhos por causa dessa guerra que aconteceu. Que toda criança, o adolescente tem sonhos e eu, essa guerra acabou com meus sonhos. Então esse lado que me machucou muito.⁸⁸

Ou como o Sr. Gaby, que relaciona o Líbano à sua família:

O Líbano hoje significa para mim... Minha pátria, né? Mas, que hoje tenho meu pai ainda, meus irmãos, que significa para mim que enquanto eles tiverem lá tem significado. Enquanto eles existirem, por causa deles. Só isso...⁸⁹

O Líbano passou a ser visto como um lugar de memória⁹⁰ por esses imigrantes. O valor antigo das práticas se perdeu, estas são recolocadas em um ambiente diferente, capaz de transformá-las em algo novo, preenchendo sua

aparência de vazio. Passam a remeter ao invisível, demonstrando a capacidade de um determinado objeto trazer à tona, através da linguagem, que especifica sua trajetória no tempo, uma realidade distante que não se encontra no campo do visível.

6. CONCLUSÃO

As análises feitas a partir da bibliografia e do tratamento dos depoimentos fornecidos pelos entrevistados estabelecem que os libaneses residentes em Belo Horizonte mantêm forte ligação com as sociedades de origem e procuram assegurar essa união para as suas assimilações. Essa preservação dá-se através de valores tradicionais da sociedade libanesa que se adequam à ética da sociedade receptora, como a valoração da família. Esses imigrantes acomodam-se aos padrões da comunidade de acolhida sem perder suas características distintivas.

A identidade se afirma, neste caso, a partir da relação com a identidade do outro. As origens das diferenças entre os agentes são esquecidas e os contrastes passam a subsistir como convenções. O rigor religioso vivido na terra natal tende a amolecer diante da diversidade de credo do brasileiro, mas modifica-se, a fim de subsistir, passando a possuir caráter exótico. A ética de trabalho é reelaborada na interação com o novo, inicialmente com a figura do mascate, do trabalhador e, posteriormente através da imagem do empresário e do intelectual. Já outras características particulares desses grupos passam a ser vistas como elementos inerentes à relação.

Os libaneses utilizaram-se de inúmeras identidades situacionais. E integraram-se a partir do aprendizado da língua e da relação com as famílias

nativas. Mas essa assimilação foi parcial, pois as associações de apoio, o casamento endogâmico e o comportamento religioso garantiram o sentido étnico de sua identidade.

Instituíram igrejas, cursos de língua árabe, clubes, associações filantrópicas culturais e jornais. Porém, a sociedade de origem transformou-se, no imaginário desses imigrantes, em lugar de memória. Passaram a ter uma lembrança distante e idílica e o reconhecimento de uma identidade nacional foi transferida para a nova sociedade, o Brasil.

7. NOTAS

-
- ¹ Nágila Ibrahim EL KADI. *A imigração druzá: passos e traços*, p. 29.
- ² Verena ALBERTI. *Manual de história oral*.
- ³ Op. cit. Marieta de Moraes FERREIRA (org.). *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*, p. 7.
- ⁴ Lená Medeiro de MENEZES. Movimentos e política imigratória em perspectiva histórica: um balanço do século XX. IN: Mary Garcia CASTRO (org). *Migrações Internacionais: Contribuições para políticas*, pg 125.
- ⁵ Maria Lúcia MOTT. "Imigração Árabe: um certo oriente no Brasil". In: IBGE: Centro de documentação e disseminação de informações. *Brasil: 500 anos de povoamento*.
- ⁶ Nágila Ibrahim EL KADI. *A imigração druzá: passos e traços*, p. 94.
- ⁷ Wadih SAFADY. *Cenas e Cenários dos caminhos de minha vida*, p. 37.
- ⁸ Farid AOUN. *Do Cedro ao mandacaru*, p. 49.
- ⁹ Elaine VILELA. *Sírios e Libaneses e o fenômeno étnico*, p. 64.
- ¹⁰ Maria Lúcia MOTT. "Imigração Árabe: um certo oriente no Brasil". In: IBGE: Centro de documentação e disseminação de informações. *Brasil: 500 anos de povoamento*.
- ¹¹ Wadih SAFADY. *Cenas e Cenários dos caminhos de minha vida*. p. 70.
- ¹² Elaine VILELA. *Sírios e Libaneses e o fenômeno étnico*, p. 43.
- ¹³ Oswaldo Mário TRUZZI. *Patrícios sírios e libaneses em São Paulo*, p. 22.
- ¹⁴ Elaine VILELA. *Sírios e Libaneses e o fenômeno étnico*, p. 65.
- ¹⁵ Wadih SAFADY. *Cenas e Cenários dos caminhos de minha vida*, p. 168.
- ¹⁶ Giralda SEYFERTH. Imigração e nacionalismo: o discurso da exclusão e a política imigratória no Brasil. IN: Mary Garcia CASTRO (org). *Migrações Internacionais; Contribuições para políticas*. Brasil 2000. p. 130.
- ¹⁷ Sérgio Tadeu de Niemeyer LARÃO. identidade étnica e representação política: descendentes de sírios e libaneses no Parlamento brasileiro, 1945-1998. Notas sobre uma pesquisa em andamento. In: Marco Aurélio Machado de OLIVEIRA (org.). *Guerras e imigrações*, p. 176.
- ¹⁸ Elaine VILELA. *Sírios e Libaneses e o fenômeno étnico*. p. 41.
- ¹⁹ Idem, p. 85.
- ²⁰ Nágila Ibrahim EL KADI. *A imigração druzá: passos e traços*, p. 70.
- ²¹ Elaine VILELA. *Sírios e Libaneses e o fenômeno étnico*, p. 73.
- ²² Clark S KNOWTON. *Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial*, p. 46.
- ²³ Oswaldo Mário TRUZZI. *Patrícios sírios e libaneses em São Paulo*, p. 26.
- ²⁴ Aline NAFF. Op.cit. Oswaldo Mário TRUZZI. *Patrícios sírios e libaneses em São Paulo*, p. 26.
- ²⁵ Trecho da entrevista concedida por Pedro Boutros Bacha.
- ²⁶ Clark S KNOWTON. *Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial*, p. 34
- ²⁷ Trecho da entrevista concedida por Monia Salim Zahreddine.
- ²⁸ Idem.
- ²⁹ Trecho da entrevista concedida por Gaby Amine Taufic Madi.
- ³⁰ Trecho da entrevista concedida por Monia Salim Zahreddine.
- ³¹ Oswaldo Mário TRUZZI. *Patrícios sírios e libaneses em São Paulo*, p. 25.
- ³² Estimativa da União Cultural Libanesa. Op. Cit. Nágila Ibrahim EL KADI. *A imigração druzá: passos e traços*, p. 67.
- ³³ Trecho da entrevista concedida por Gaby Amine Taufic Madi.
- ³⁴ Trecho da entrevista concedida por Pedro Boutros Bacha.
- ³⁵ Oswaldo Mário TRUZZI. *Patrícios sírios e libaneses em São Paulo*, p. 28.
- ³⁶ Trecho da entrevista concedida por Pedro Boutros Bacha.
- ³⁷ Trecho da entrevista concedida por Monia Salim Zahreddine
- ³⁸ Trecho da entrevista concedida por Gaby Amine Taufic Madi.
- ³⁹ Idem. p. 71.
- ⁴⁰ Nágila Ibrahim EL KADI. *A imigração druzá: passos e traços*, p. 70.
- ⁴¹ Oswaldo Mário TRUZZI. *Patrícios sírios e libaneses em São Paulo*, p. 96.
- ⁴² Marco Aurélio Machado de Oliveira. *O mais importante é a raça*. Sírios e Libaneses na política em Campo Grande, MS, p. 52.
- ⁴³ Nágila Ibrahim EL KADI. *A imigração druzá: passos e traços*, p. 84.

- ⁴⁴ Trecho da entrevista concedida por Gaby Amine Taufic Madi.
- ⁴⁵ Idem.
- ⁴⁶ Trecho da entrevista concedida por Monia Salim Zahreddine.
- ⁴⁷ Trecho da entrevista concedida por Pedro Boutros Bacha.
- ⁴⁸ Clark S KNOWTON. *Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial*, p. 35.
- ⁴⁹ Trecho da entrevista concedida por Pedro Boutros Bacha.
- ⁵⁰ Idem.
- ⁵¹ Idem.
- ⁵² Trecho da entrevista concedida por Monia Salim Zahreddine.
- ⁵³ Idem.
- ⁵⁴ Nagila Ibrahim EL KADI *A imigração drusa: passos e traços*, p. 37.
- ⁵⁵ Trecho da entrevista concedida por Pedro Boutros Bacha.
- ⁵⁶ Cf. Oswaldo (viário) TRUZZI. *Patrícios sírios e libaneses em São Paulo* e Marco Aurélio Machado de OLIVEIRA. *O mais importante é a raça*. Sírios e libaneses na política em Campo Grande, MS.
- ⁵⁷ Beatriz Vitar MUKDSI. Testemonios orales de los descendientes de sirio libaneses en San Miguel de Tucumán (Argentina). In: *Trocadero. Revista de Historia Moderna y Contemporânea*, p. 177.
- ⁵⁸ A. Tavares de ALMEIDA. Oeste paulista: experiência etnográfica e cultural. Rio de Janeiro: Alba. 1943. p. 173. Op. cit. Oswaldo Mário TRUZZI. *Patrícios sírios e libaneses em São Paulo*, p. 75.
- ⁵⁹ Beatriz Vitar MUKDSI. Testemonios orales de los descendientes de sirio libaneses en San Miguel de Tucumán (Argentina), In: *Trocadero. Revista de Historia Moderna y Contemporânea*, p. 177.
- ⁶⁰ Trecho da entrevista concedida por Pedro Boutros Bacha.
- ⁶¹ Idem.
- ⁶² Trecho da entrevista concedida por Monia Salim Zahreddine.
- ⁶³ Trecho da entrevista concedida por Pedro Boutros Bacha.
- ⁶⁴ Idem.
- ⁶⁵ Trecho da entrevista concedida por Monia Salim Zahreddine.
- ⁶⁶ Idem.
- ⁶⁷ Oswaldo Mário TRUZZI. *Patrícios sírios e libaneses em São Paulo*, p. 77.
- ⁶⁸ Trecho da entrevista concedida por Monia Salim Zahreddine.
- ⁶⁹ Marco Aurélio Machado de OLIVEIRA. *O mais importante é a raça*. Sírios e libaneses na política em Campo Grande, MS, p. 100.
- ⁷⁰ Cf. Oswaldo Mário TRUZZI. *Patrícios sírios e libaneses em São Paulo* e Marco Aurélio MACHADO (org.). *Guerras e imigrações*, p. 47.
- ⁷¹ Trecho da entrevista concedida por Pedro Boutros Bacha.
- ⁷² Ricardo Roman BLANCO. *Mundo árabe -- Berço da civilização*, p. 1.
- ⁷³ Trecho da entrevista concedida por Monia Salim Zahreddine
- ⁷⁴ Idem
- ⁷⁵ Roberto DA MATTA. (*drnavais, malandros e heróis*, pg. 148.
- ⁷⁶ Trecho da entrevista concedida por Pedro Boutros Bacha.
- ⁷⁷ Beatriz Vitar MUKDSI. Testemonios orales de los descendientes de sirio libaneses en San Miguel de Tucumán (Argentina). In: *Trocadero. Revista de Historia Moderna y Contemporânea*, p. 183.
- ⁷⁸ Elaine Meirc VILELA. *Sírios e libaneses e o fenômeno étnico*, p. 98.
- ⁷⁹ Idem. p.28.
- ⁸⁰ Trecho da entrevista concedida por Pedro Boutros Bacha
- ⁸¹ Trecho da entrevista concedida por Gaby Amine Taufic Madi.
- ⁸² Trecho da entrevista concedida por Pedro Boutros Bacha
- ⁸³ Trecho da entrevista concedida por Monia Salim Zahreddine
- ⁸⁴ Trecho da entrevista concedida por Gaby Amine Taufic Madi.
- ⁸⁵ Trecho da entrevista concedida por Pedro Boutros Bacha.
- ⁸⁶ Idem.
- ⁸⁷ Marco Aurélio Machado de OLIVEIRA. Imigrantes em região de fronteira: Condição infernal."In: *Guerras e imigrações*, p. 194.
- ⁸⁸ Trecho da entrevista concedida por Monia Salim Zahreddine.
- ⁸⁹ Trecho da entrevista concedida por Gaby Amine Taufic Madi.
- ⁹⁰ Pierre NORA. Entre memória e história. A problemática dos lugares. In: *Revista Projeto História*

7. ANEXO

Roteiro de entrevista

- Como era sua região no Líbano? Como era sua vida?
- Por que você emigrou? Como escolheu o Brasil? Possuía algum parente aqui?
- Quando emigrou veio acompanhado? Recebeu o apoio de alguém?
- Veio direto para o Brasil ou esteve em outros países? Descreva um pouco como foi a viagem, a saída do Líbano e a chegada no Brasil. Quando chegou ao Brasil, veio para Belo Horizonte?
- Teve dificuldades de conseguir legalizar sua situação no Brasil?
- Com o quê trabalhou quando chegou a Belo Horizonte? Onde e com quem residiu?
- Como foi o primeiro contato com brasileiros? A língua foi um obstáculo?
- Alguma vez você pensou em voltar para o Líbano? Do que sentiu mais falta? O que estranhou no Brasil?
- O que significa hoje o Líbano para você? Você mantém laços com conhecidos e parentes?
- Quais os locais e ocasiões em que a comunidade libanesa se reúne?
- Você tem a preocupação de preservar sua língua? Conversa com outras pessoas em árabe?
- Seus filhos possuem nomes árabes? Por que esses nomes foram escolhidos?
- Qual a sua opinião sobre os conflitos político-religiosos do seu país de origem? Como eles afetaram sua vida?
- Você se envolve com questões ou grupos políticos libaneses?
- Como é ser libanês no Brasil? O que mudou na sua percepção do que é ser libanês?

• Como se deu o reencontro com os parentes que já se encontravam no Brasil?
Qual a imagem que eles têm do Líbano?

8. BIBLIOGRAFIA

8.1. Livros consultados

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

AOUN, Farid. *Do Cedro ao mandacaru*. Recife: Comunicação Especializada S/C, 1979.

BASTIANI, Tanus Jorge. *O Líbano e os libaneses no Brasil*. Rio de Janeiro: 1945.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fonte, 1990.

BLANCO, Ricardo Roman. *Mundo árabe - Berço da civilização*. Brasil: Fearab, s/d.

BRANDÃO, Carlos R. *Identidade e etnia*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CASTRO, Mary Garcia (org.). *Migrações Internacionais: Contribuições para políticas, Brasil 2000*. Brasília: CPND, 2001.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1990.

DIÉGUES JR., Manuel. *Etnias e culturas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

EL KADI, Nágila Ibrahim. *A imigração drusa: passos e traços*. 1997. Dissertação (Mestrado em sociologia). FAFÍCH, UFMG, Belo Horizonte.

FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa (ia cultura). In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GREIBER, Betty; MALUF, Lina; MATTAR, Vera C. *Memórias da Imigração: libaneses e sírios em São Paulo*. São Paulo: Discurso Editorial, 1998.

HABWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

JEUDY, Henri-Pierre. *Memórias do social*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

KNOWTON, Clark S. *Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial*. São Paulo: Anambi, 1960.

COSELLECK, Reinhart. "Espacio de experiência" y "horizonte de expectativa" dos categorias históricas. In: *Futuro Pascido*. Barcelona: Paidós, 1993.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1990.

MEIH Y, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de (org.). *Guerras e imigrações*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de. *O mais importante é a raça. Sírios e libaneses na política em Campo Grande, MS. 2001. Tese (doutorado em história). USP, São Paulo.*

PATARRA, Neide Lopes. *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo. Campinas: FUNAP, 1995.*

SAFADY, Wadih. *Cenas e Cenários dos caminhos de minha vida. Belo Horizonte: estabelecimentos gráficos Santa Maria, 1966.*

SAID, Eduard. *Orienta lis mo: Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.*

TRUZZI, Oswaldo Mário. *Patrícios sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.*

VILELA, Elaine Meire. *Sírios e libaneses e o fenômeno étnico. 2002. Dissertação (Mestrado em sociologia). FAFICH, UFMG, Belo Horizonte.*

WEYRAUCH, Cléia Schiavo. *Pioneiros alemães de Nova Filadélfia. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.*

WOLF, Eric R. *Parentesco, amizade e relações patrono-cliente em sociedades complexas. Textos de aula. Antropologia 7. Brasília: Editora Universidade de Brasília, s/d.*

8.2. Artigos consultados

MUKDSI, Beatriz Vitar. Testimonios orales de los descendientes de sirio libaneses en San Miguel de Tucumán (Argentina). La identificación étnica. In: *Trocadero. Revista de Historia Moderna y Contemporánea. Universidad de Cádiz, v. 14-15, 2003, p. 170 - 187.*

MOTT, Maria Lúcia. "Imigração Árabe: um certo oriente no Brasil". In: IBGH: Centro de documentação e disseminação de informações. *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. In: *Revista Projeto História*. PUC-SP, São Paulo, n.K), 1993.

NUNES, Heliane Prudente. Imigração Árabe nos EUA e no Brasil. *Textos de História* Revista da Pós-Graduação da UNB, v.4, n. 1, 1996 (149-180).

9. FONTES PRIMÁRIAS

9.1. *Pontes orais*

Gaby Amine Taufte Madi, entrevistado em Belo Horizonte no dia 03 de Maio de 2005.

Monia Salim Zahreddinc, entrevistada em Belo Horizonte no dia 21 de Abril de 2005.

Pedro Boutros Bacha, entrevistado em Belo Horizonte no dia 20 de Janeiro de 2005.